

INTRODUÇÃO

Certa vez, eu quase comprei uma velha locomotiva americana fabricada no final do século dezoito, por apenas 600 dólares.

A linha férrea que corria perto de nossa casa no Brasil, esteve sendo fechada e esta locomotiva, ainda em perfeito estado de funcionamento, estava à venda. Foi uma pena que eu não tivesse o dinheiro e nem o espaço para guardar aquela peça histórica chama “Augusto Montenegro”. Hoje teria grande valor.

Fala-se na construção de uma estrada de ferro que atravessará a floresta, indo em direção ao sul do Brasil. Velhos trechos de extensão mais curta já provaram que é possível se fazer isto. Cinco ou seis máquinas antigas abandonadas estão enferrujando a apenas alguns quilômetros da cidade de Belém, num ramal abandonado. Espera-se que elas sejam restauradas.

Uma enorme jiboia foi descoberta recentemente num dos canais misteriosos da floresta. O autor já viu uma pele de jiboia medindo quase quatro metros e meio de comprimento e há a possibilidade que existam jiboias maiores do que esta.

.oOo.

CAPÍTULO 1

A CIDADE AMEAÇADA

Chuva! Ela se arremessava contra mim em grandes lufadas brilhantes enquanto árvores enormes debruçavam-se totalmente contra a força do vento. No céu, nuvens enormes, parecendo novelos de lã cinzenta,

passavam rapidamente como que em busca de um outro lugar.

Eu estava no esconderijo da árvore que Cruz usava para estudo e reflexão. Tinha uma vista maravilhosa da imensa mata amazônica que, sob a fúria da tempestade, se transformara num mar revolto de galhos e folhas verdes.

Eu sabia que Cruz tinha estado ausente de nossa cidade secreta no coração da selva amazônica. Ele tinha ido a Manaus para pesquisar fatos relacionados com um boato que tinha ouvido. Quando ele mandou um recado para eu ir de bicicleta ao seu escritório, ele tinha um tom de urgência. Alguma coisa estava acontecendo; então esperei, impaciente, para satisfazer minha curiosidade.

Daí a pouco, ouvi a sineta de sua bicicleta e eu fiz descer o pequeno elevador elétrico para fazê-lo subir. Em um minuto ele estava ao meu lado. De sua capa de chuva estava pingando água e seu olhos, surpreendentemente verdes, brilhavam com interesse e desafio.

“O café está pronto, senhor Cruz”, eu disse, pegando sua capa e pondo café na xícara.

Ele provou e deu um sorriso de aprovação. “Seu café está melhorando, Estêvão. Este está ótimo! É exatamente o que eu preciso neste momento”.

Eu também tomei um pouco. Tinha aquele sabor forte que só o café brasileiro tem. Finalmente, eu não pude aguentar mais o silêncio.

“O que o senhor descobriu em sua viagem a Manaus?” Normalmente ou deixava que Cruz falasse quando estivesse pronto, mas hoje eu sentia uma ansiedade fora do comum para saber o que estava à nossa frente.

Cruz largou sua xícara e virou sua cadeira em minha direção.

“Estêvão, você já reparou que não podemos ficar muito tempo sem fazer nada neste lugar? Cá estamos, numa cidade secreta cuja existência o governo brasileiro desconhece, devido a natureza gigantesca desta floresta. Teoricamente, deveríamos poder viver em paz, mas isto não é possível para nós. Desde que você nos encontrou

por acaso, e pela misericórdia de Deus se tornou um de nós, de uma forma ou de outra, temos estado envolvidos em questões relativas à segurança de nossa querida cidade de Esperança”.

Ele parou para tomar mais um pouco de café, enquanto o vapor subia fazendo espirais no ar fresco. Depois, tamborilou com seus dedos na mesinha à sua frente.

“E estava vez, Estêvão, não é nenhuma exceção! Com muita cautela consegui informações para provar o que tínhamos ouvido a respeito da ferrovia”.

“Quer dizer Nelson Pinto dos Santos?”

“Sim, Estêvão. Você se lembra daquela sua aventura com os elefantes, quando ouvimos que ele queria fazer isto?”

Este Nelson dos Santos era uma figura lendária no Amazonas. Suas terras eram quase do tamanho da França e ele não tinha a mínima ideia de quantas cabeças de gado possuía. Estes empreendimentos, mais plantações de seringueiras e de outros produtos tropicais, o fizeram um homem fantasticamente rico, um homem que tinha fama de sempre terminar aquilo que começava a fazer.

“Qual é o seu plano?”, perguntei a Cruz.

“Ainda não sei, Estêvão. Mas embora nossa cidade escondida, Esperança, não esteja na rota proposta para a ferrovia – de Manaus a Brasília -, parece que, para evitar excessivas travessias dos rios, eles estão vindo nesta direção. Exatamente onde passará ainda não está decidido, mas os exploradores estão prontos para começar o trabalho e tudo indica que estão vindo para esta área”.

“O que vamos fazer?”, perguntei com ansiedade. Eu estava acostumado a ver Cruz encontrar a solução para um problema da mesma maneira como se tira um coelho de um chapéu, mas tinha um pressentimento de que não poderíamos continuar assim livres para sempre.

“Eu não tenho certeza ainda, Estêvão, mas tem uma coisa que precisamos fazer – você e eu”.

“E o que é?”

“Dos Santos marcou uma reunião pública, um jantar com um pronunciamento, para o dia 21 deste mês, e nós temos que estar lá para ouvir o máximo possível”.

“Comigo está ótimo, eu...”

O “bip” do pequeno intercomunicador na mesa me interrompeu e uma luz vermelha piscava, indicando que alguém estava chamando Cruz.

Cruz apertou o botão e disse rapidamente: “Cruz falando!”

“Senhor Cruz, aqui é o Martins. O senhor Augusto e sua esposa estão aqui com um problema urgente. O senhor pode vê-los ou seria melhor eles falarem pelo rádio agora?”

“Ah, sim”, disse Cruz. “É o senhor Augusto de nosso novo posto avançado junto às margens do Lago Vista Linda. Por favor, diga a ele para esperar e estaremos aí em 20 minutos”.

“Muito bem, senhor Cruz. Eu digo para eles esperarem”.

“Até logo, Martins”, disse Cruz. Ele largou o parêntese e levantou-se rapidamente. “Bem, lá vamos nós outra vez, Estêvão. Os problemas sempre surgem em grupos. Qual será este?”

Descemos no elevador, pegamos as nossas bicicletas e fomos pela rua de asfalto em direção à cidade escondida, a uma velocidade razoável. Quando entramos numa rodovia principal, Cruz ligou uma pequena sirene para avisar os outros ciclistas. Passamos rapidamente por fazendas, currais e pomares e, finalmente, pelo moderno centro comercial de Esperança, antes de chegarmos ao escritório central de Cruz, em apenas 15 minutos.

O senhor Augusto, que trabalhava como especialista de controle num lago remoto, onde a cidade estava desenvolvendo um projeto de suprimento de alimentos, estava obviamente preocupado e sua esposa, pálida de emoção, esfregava as mãos com aflição.

Cruz os cumprimentou e, em seguida, os levou até seu moderno escritório. Quando já estavam assentados,

com um copo de suco de abacaxi em suas mãos, Cruz quis saber qual era seu problema.

“Então, o que está acontecendo?”

“Senhor Cruz, foi horrível. Simplesmente terrível”, disse a mulher.

Cruz se sentiu inquieto. “O que foi terrível?”

“Senhor Cruz era alguma coisa que eu não teria acreditado”, disse o senhor Augusto. “Ontem de tardezinha, nós estávamos dando um passeio pelo lago no barco a remos como é nosso costume. A sorte é que estávamos perto da margem. Assim que começou a escurecer, íamos voltando para casa quando... quando...” Ele parou, parece sem palavras para continuar.

“Era uma jiboia enorme, senhor Cruz”, continuou sua esposa. “Ela saiu da água, numa altura incrível, e veio em direção ao nosso barco. Ela era enorme, se elevava acima de nós pelo menos uns seis metros e tinha e espessura de uma árvore”.

“Sim”, concordou o senhor Augusto. “Eu dou minha palavra. Os olhos dela eram como as portinholas de um navio e brilhavam à luz da lanterna que eu tinha na proa. Remei como nunca tinha remado em minha vida. Encalhamos nosso barco, corremos para a casa e ficamos lá pelo resto da noite, até que sentimos que estávamos seguros para sair agora pela manhã”.

“E a cobra?”, perguntou Cruz.

“Ela desapareceu na água. Mas ela ainda está lá, eu sei que está!”.

.oOo.

CAPÍTULO 2

A MULTA

Após esta notícia surpreendente, não se ouvia nenhum barulho, a não ser o bater da chuva no telhado. Cruz se manteve em silêncio durante uns dois minutos, quando finalmente se voltou para o senhor Augusto.

“Senhor Augusto, nós vamos estudar este acontecimento. Mas agora me diga, como vai seu trabalho? A sua presença lá é necessária?”

“No momento não, senhor Cruz. Há um suprimento suficiente de comida para alimentar os peixes nos tanques durante uns três ou quatro dias”.

“Muito bem”, disse Cruz. “Agora eu quero que você e sua esposa vão ao hotel como vocês fazem quando vêm à cidade fazer compras. Vocês podem contar com uma pequena folga. Nós vamos até o lago para ver se encontramos alguma coisa. Não acho que seja necessário que você nos acompanhe agora, mas certamente vamos precisar de você mais tarde”.

“Obrigado, senhor Cruz. Eu não sou nenhum covarde, mas esta experiência me deixou um tanto nervoso. Mas o senhor promete que vai me chamar se eu puder fazer alguma coisa?”

“Com certeza, senhor Augusto. Agora vá para o hotel. Eu vou ligar para lá, dizendo que você está a caminho e para que eles lhe reservem um bom quarto”.

O casal cumprimentou Cruz e saiu. Cruz, Martins e eu estávamos sozinhos.

“Uma história fantástica”, disse Martins. “Certamente não pode existir uma cobra assim”.

“Estêvão, pegue o volume “Jota” das duas enciclopédias ali na prateleira”, disse Cruz. Ele virou as páginas e estudou os comentários ali escritos. Finalmente, ele levantou a cabeça. “Ambas as enciclopédias insistem que não conhece nenhuma jiboia com mais de nove metros”.

“Então o problema está resolvido, não é senhor Cruz?”, perguntou Martins.

Cruz olhou pensativamente para a janela e para a paisagem açoitada pela tempestade. “Eu não diria assim, não”, respondeu calmamente. “Lembro-me de ter conversado certa vez com um mateiro, cuja opinião

respeito muito”. Cruz parou de falar, limpou a garganta e olhou para nós. “Ele me contou sobre uma cobra enorme que tinha visto e sua descrição era quase idêntica à de Augusto. É, meu amigo! Este é um caso que precisamos investigar. Não podemos permitir que nossa gente seja amedrontada e que nossos projetos essenciais sejam atrasados”.

Ele ficou de pé. “Martins, prepare o Relâmpago Negro para uma expedição à Lagoa de Vista Linda. E não se esqueça das armas pesadas e de bastante munição. Agora, Estêvão, se você quiser se juntar à família para o jantar, talvez, possamos planejar mais alguns detalhes”.

Eu não precisava de outro convite. A casa de Cruz era onde estava Bete. Nós dois estávamos de volta à cidade escondida para nossas férias de verão, e até agora tínhamos estado sempre ocupados. Desde que eu tinha descoberto esta remota ilha de civilização em meio à floresta amazônica, eu a considerava meu lar mais do que outro lugar qualquer. E também era o lar para cerca de 1.000 pessoas que tinham sido vítimas da doença de Hansen e que, depois de curadas, tinham ficado trabalhando na construção desse maravilhoso refúgio totalmente desconhecido ao mundo externo.

A tempestade já estava diminuindo. Pegamos nossas bicicletas para fazermos o pequeno percurso até a Casa de Cruz nos subúrbios da pequena cidade. As ruas de asfalto verde eram largas e bem cuidadas e pedalamos fazendo pouco esforço.

“Vamos ver quem chega primeiro à próxima esquina, Estêvão”, disse Cruz, rindo.

Eu estava aumentando a velocidade quando ouvi o som de uma sirene atrás de nós. Era o guarda rodoviário de Esperança. Cruz e eu paramos.

“Senhores, vocês estão andando um pouco depressa demais”, disse o guarda. “Vocês estavam andando a 35 quilômetros e, nesta área urbana, isto não é permitido”. Então ele sorriu. “Senhor Cruz, nós sabemos que o senhor tem muitas preocupações; não queremos lhe tirar o prazer de uma pequena corrida, mas tem havido alguns acidentes recentemente”.

“Tudo bem, Manoel”, sorriu Cruz. “Eu sou mais culpado do que Estêvão; pode fazer nossas multas”.

O guarda deu um papel azul a cada um de nós.

“Vocês têm uma semana para pagar a multa. Desta vez é apenas cinco Liberdades. Vocês podem pagar no escritório de Controle de Tráfego, como sempre”.

“Obrigado por nos alertar, Manoel”, disse Cruz e continuamos em velocidade menos acelerada.

“Minha primeira multa”, disse eu.

“Realmente, ele multa muito pouco, Estêvão”, respondeu Cruz. “Mas, mesmo só com bicicletas, é necessário ter uma supervisão. Há poucos dias, houve uma batida forte e um dos rapazes quebrou o braço”.

.oOo.

CAPÍTULO 3

EXPLORANDO A LAGOA

A folhagem densa começou a ficar mais esparsa à medida que o possante Relâmpago Negro diminuiu a velocidade depois de seu rápido voo sobre as águas. O aerobarco de Cruz era o meio de transporte que usávamos para qualquer viagem especial nas águas. Cruz, Martins e eu iríamos investigar o caso da Lagoa Vista Linda. Possantes rifles automáticos do nosso lado na cabine indicavam que nossa viagem não era um passeio. Todos nós partilhávamos daquela sensação nervosa e tensão que nos sobrevêm quando investigamos o desconhecido.

“Eu ainda não acredito que possa haver uma cobra daquele tamanho, senhor Cruz”, disse Martins.

“Vamos observar o caso por este lado”, respondeu Cruz. “Augusto nunca se mostrou exagerado em suas afirmações. Pelo contrário, ele foi escolhido para este trabalho por causa de sua calma e constância. Tanto ele

como sua esposa insistem na mesma coisa e é difícil pensar em uma ilusão ótica que tivesse o mesmo efeito em ambos”.

Ele se voltou para mim. “Por favor, verifique os rifles, Estêvão. Vamos sair deste rio cuidadosamente e entraremos no lago, onde vamos esperar até que escureça mais. A jiboia é muitas vezes uma serpente noturna e talvez tenhamos maiores chances de encontrá-la se esperarmos um pouco”.

Prendemos o barco à entrada do rio e ficamos observando o lago. Podíamos ver a casa do senhor Augusto no alto de uma colina à margem do rio; fora isto, a paisagem era como Deus a tinha criado: o lago cercado pela mata até suas margens. Cá e acolá, um peixe grande pulava fora da água à procura de sua refeição e tornava a voltar ao seu ambiente. O silêncio, um tanto tenso, era quebrado apenas pelos gritos estranhos das aves e das criaturas da floresta. Não vimos nenhum movimento de cobra; nem grande e nem pequena.

Ficamos ali acerca de uma hora, olhando e escutando. Então Cruz disse: “Vamos entrar no lago e dar algumas voltas. Quem sabe encontraremos alguma coisa. Por favor, fiquem de prontidão com as armas”.

O Relâmpago Negro saiu de seu lugar no ancoradouro e seus motores, com o som amortecido, nos empurraram silenciosamente. A princípio, cada tora que víamos nos assustava, mas, à medida que nada de estranho víamos, começamos a relaxar. A lagoa era grande. Examinamos as margens em toda a sua extensão e ainda entramos uma distância nos rios que desaguavam ou saíam dela, mas não encontramos sinal de cobra alguma.

O sol se pôs com aquela rapidez típica dos trópicos, numa maravilha de cores, e logo a lua cheia, prateada, iluminava nosso barco. Cruz encostou o barco num lugar bem protegido, de onde poderíamos observar a água sem sermos vistos facilmente.

Martins preparou o jantar enquanto Cruz e eu conversávamos em voz baixa a respeito de qual seria nossa estratégia. “Esta noite e amanhã à noite, Estêvão,

vamos ver se conseguimos tirar este bicho de seu esconderijo. Se não conseguirmos, teremos que voltar para a cidade e então farei novos planos”.

Cruz foi em direção ao rádio. “Vamos ver o que o Centro de Controle tem a dizer, Estêvão. Centro de Controle, Centro de Controle, Cruz chamando”.

Ouvimos um pouco de barulho estático e então uma voz respondeu “Centro de Controle respondendo, senhor Cruz. Foi bom o senhor nos chamar. Já íamos enviar uma notícia que o senhor Cláudio nos passou de Manaus”.

Cruz ficou tenso. “Que notícia é esta, Tomé?”

“Cláudio pediu para dizer ao senhor que aquele ricaoço, o senhor Nelson Pinto dos Santos, já esta descarregando quatro enormes locomotivas e milhares de trilhos lá na cidade capital. Ele tem a intenção de iniciar o projeto de construção da ferrovia imediatamente. Na verdade, grandes tratores já estão trabalhando há várias semanas no desmatamento do outro lado do rio, defronte de Manaus”.

“Obrigado, Tomé. Você nos passou informações muito importantes. Diga a todos para nos esperarem amanhã, lá pelo meio dia. Câmbio e desligo”.

“Adeus, senhor Cruz”, disse a voz no rádio.

Cruz se voltou para mim. “Você ouviu, Estêvão”

“Sim. Dos Santos não perde tempo, não?”

“É verdade, Estêvão. E agora temos alguma coisa a pensar enquanto observamos o lago”.

A lua foi subindo e parecia se tornar cada vez menor e, mais uma vez, a paisagem da noite mudou, apresentando um misterioso azul etéreo acima da mata escura. Sons estranhos quebravam o silêncio, a maioria dos quais não podíamos identificar. Cruz e eu forçávamos a vista para todos os lados, mas não podíamos ver nada sobrenatural.

“A criação é algo de maravilhoso, não é, Estêvão?”, disse Cruz à medida que nossa vigilância parecia poder relaxar-se. “Aqui no Amazonas nós vemos a grande variedade das criaturas de Deus em seu estado natural. Olhe, Estêvão, eu não tenho dúvida de que haja insetos e

animais nesta imensa floresta que ainda não foram identificados pelos cientistas”.

Concordei. Eu estava pensando no caso que tinha presenciado recentemente: uma pequena lagarta que tece com perfeição uma rede em torno de si, em lugar do casulo, que é o mais comum.

Cruz continuou: “Se Deus tem tanta preocupação com a beleza e complexidade de Suas criaturas, podemos estar certos de que Ele ama e cuida dos homens”.

Concordei novamente. “Sim, senhor Cruz. Depois de ver o que se passa aqui, eu fico abismado com tantas pessoas vivendo em rebelião a Deus e à Sua vontade”.

Cruz levantou a mão, pedindo silêncio. “Ouvi alguma coisa, Estevão?”.

Eu me pus a escutar e ouvi também: o som de água se movimentando num ritmo certo.

“Prepare o holofote”, disse Cruz. “Vamos ver o que é isso”.

Martins pôs o dedo no interruptor e um possante fecho de luz afastou a escuridão ao nosso redor. Olhamos por um instante e, então, Cruz riu. “Desligue a luz, Martins. É apenas uma anta vindo às margens para beber”. O grande animal ficou imóvel como que paralisado pelo fecho de luz – um enorme animal, apesar de fazer parte de um grupo do qual fazem parte os maiores animais naturais da floresta.

Continuamos olhando aproveitando a luz da lua acima de nós. Subitamente ouvimos um grito de dor vindo da direção da anta. Um barulho enorme, como de uma árvore enorme caindo na água, quebrou o silêncio. Eu estendi as mãos para ligar o holofote e, na minha ansiedade, quebrei o interruptor. Quando Cruz finalmente conseguiu ligá-lo, não mais havia sinal da anta, somente a água em turbilhão.

“O que você acha disto, Estevão?”, perguntou Cruz.

“Nem sei o que pensar e como podemos saber se não vimos nada direito?”, eu disse, chateado comigo mesmo por ter atrapalhado nossa investigação.

“Alguma coisa bem grande estava ali fora, eu tenho certeza”, disse Cruz baixinho.

Naquela noite não aconteceu mais nada de importante. Eu não sei quando, mas em certo momento cochilei. Acordei às quatro horas, mas ou menos, e vi Cruz ainda sentado perto de mim, em estado de tensão e observando o lago.

A longa vigília não revelou nada mais, foi o que Cruz me assegurou quando me chamaram na manhã seguinte para tomar café.

“É, Estêvão”, ele dizia enquanto tomávamos nosso café com bastante apetite. “Não houve mais nenhum distúrbio, mas eu andei pensando bastante desde que ouvimos aquele barulho na água. Hoje vamos dar uma volta pelas margens mais uma vez e, se não virmos nada, teremos que fazer novos planos”.

Vários tons de verde se misturavam enquanto passávamos vagorosamente pelas margens do lago, mas não vimos nem ouvimos nada.

“Bem, por agora, chega, Martins”, disse Cruz. “Vamos somente àquele local ali e depois iremos embora. Não temos mais tempo para ficar esperando”.

O aerobarco nos levou até o local, uma ponta bastante arenosa. No mesmo momento, Cruz se ergueu e apontou entusiasmo. “Olhe ali, Estêvão!”

Eu segui a direção do seu dedo enquanto o aerobarco se aproximava. Parecia que alguém tinha arrastado uma enorme tora pela pequena extensão de areia.

.oOo.

CAPÍTULO 4

PLANOS PARA A VIAGEM

“Mas por que não posso ir com vocês?”, perguntou Bete, um tanto amuada.

Estávamos na casa de Cruz fazendo os planos para a nossa viagem a Manaus. Bete era filha de Cruz e sentia um profundo interesse em todos os projetos de seu pai. Por várias vezes tivemos dificuldade em convencê-la de que certas tarefas eram mais próprias para homens. Mas para mim (é claro!), sua presença nas viagens a fazia muito mais interessantes.

Cruz deu uma boa risada. “Ah, Bete, fique em casa e faça companhia para a sua mãe. Não é bom para você viajar demais”.

“Mas, papai, talvez eu possa ser útil. E já faz quatro semanas que eu não vou à cidade”.

Cruz ficou sério. “Bete, eu não tenho a mínima ideia de quanto tempo estaremos fora e nem do que pode acontecer com este projeto ferroviário. Eu acho que seria melhor você ficar”.

Bete se virou e foi embora de cabeça abaixada. “Estêvão, eu não posso dizer ‘não’ à Bete quando ela quer participar dos nossos projetos. Eu sei que ela quer ir conosco e estou quase convencido que gostaria que ela fosse. No entanto, não acho bom que ela esteja fora de casa tanto assim”, me disse o pai.

Eu estava observando Bete e, pelo movimento de sua cabeça, sabia que ela tinha ouvido as palavras do pai.

Cruz se dirigiu à sua escrivaninha. “É surpreendente, Estêvão. Meu filho, Carlos, não tem um pingote de desejo de participar destas nossas emocionantes viagens. Ele vive para seu trabalho na medicina. Ele está no hospital dia e noite e nós quase não o vemos”.

“Ele fará importantes contribuições para a medicina, senhor Cruz”, eu disse.

“Sim, é verdade”, respondeu Cruz. “E isto é um grande conforto para mim. Mas Bete é simplesmente o oposto. Ela tem todo aquele anseio por aventuras que eu esperava encontrar em meu filho”.

Ele pegou alguns papéis. “Bem, vamos ao nosso planejamento. Já discuti com Martins o que pretendo fazer em Manaus.

“Em primeiro lugar, mandei dois soldados acompanharem o senhor Augusto e sua esposa. Eles

levam boas armas de alto calibre e vão servir de guardas para tentar impedir seja o que for que atrapalhe nosso povo e nosso projeto naquele lugar, até segunda ordem. Depois, Estêvão, nós três sairemos amanhã cedo para irmos à capital. Chegando lá, vamos hospedar-nos no Hotel Amazonas. Vamos misturar-nos com os homens do governo e com os convidados que estiverem ali para ouvirem o pronunciamento do senhor Nelson dos Santos. Vamos ouvir a respeito dos seus planos e da direção da ferrovia e, assim, poderemos fazer nossos cálculos”.

“Mas este plano do senhor Nelson não é quase impossível de ser realizado?”

“Sinceramente, Estêvão, este projeto me surpreende muito. Você já percebeu que a floresta amazônica não é simplesmente uma planície coberta com uma densa floresta, mas é um conjunto de montanhas e vales – e alguns bem extensos. Muitas estradas estão sendo construídas em direção à moderníssima capital, Brasília, partindo de todos os lugares deste imenso país, mas estão custando muito ao governo, por causa do relevo e da chuva que cai em grande parte do ano”.

“Nós sabemos que o senhor Nelson tem muitas escavadoras e motoniveladoras e, acima de tudo, muito dinheiro”, eu disse.

“É verdade, Estêvão, e também uma determinação de ferro. Se esta ferrovia pode ser feita, ele vai fazê-la. Mas o problema é o seguinte: o que vai acontecer à nossa querida cidadezinha de Esperança? Será possível que tenhamos de mudar novamente?”

Eu sabia que Cruz estava lembrando-se daquela ocasião em que seu tenente de confiança denunciou a primeira Esperança e a cidade foi obrigada a se deslocar rio acima até sua presente localização.

“Muito bem, senhor Cruz, eu estarei pronto”, respondi. “Mas agora eu tenho um encontro com Bete”.

Cruz deu um sorriso. “Faltam poucas semanas para você voltar para a faculdade e vai ser bom resolver estes probleminhas enquanto você e Bete estão conosco. Até amanhã cedo, Estêvão! Aventura à vista!”

Peguei minha bicicleta e fui até a casa de Bete. Iríamos fazer um piquenique naquela tarde. Eu pensei que fosse encontrá-la triste por não poder ir conosco naquela viagem, mas ela estava animada e alegre. “Vamos, Estêvão. O lanche está pronto e eu estou ansiosa para fazer um pouco de exercício andando de bicicleta”.

Saímos em direção ao jardim de orquídeas que fica ao lado de uma pequena cachoeira. Após uns vinte e cinco minutos pedalando pelas estradas de asfalto verde que são feitas somente para ciclistas, chegamos a um lugar que parecia um verdadeiro arco-íris devido às orquídeas de toda espécie e cor.

Olhei para Bete curiosamente e lhe perguntei: “Você não está triste?”

“Por que eu deveria estar triste?”

“Ah, eu pensei que talvez você estivesse chateada por não poder ir conosco amanhã”.

“Não, eu não estou preocupando-me com isto, Estêvão”. E começamos a falar de outros assuntos. A Bete e eu estávamos fazendo o curso na Escola Bíblica em São Paulo e tínhamos vindo passar as férias aqui em sua casa. Agora já estávamos pensando a respeito de nossa volta às aulas. Nós dois temos muito amor por esta cidade escondida na selva amazônica e resolvemos aproveitar ao máximo o resto do verão.

Outras pessoas chegaram para apreciar a beleza do jardim de orquídeas e ficamos conversando com elas. Finalmente, o sol começou a se esconder atrás das árvores – era hora de voltar para casa.

“Vamos voltar de barco?”, perguntou a Bete. Cruz tinha alguns barcos pequenos atracados perto da base da cachoeira e neles cabiam umas três ou quatro pessoas e algumas bicicletas.

“Tudo bem, vamos”, concordei com entusiasmo. “Você guarda o resto do lanche na cesta e eu vou colocar nossas bicicletas naquele barco azul”.

A volta para a cidade foi maravilhosa – nada de velas para armar e ajustar, nem barulho de motores – somente

o som do movimento das águas nos levando através das maravilhas da paisagem desta Amazônia remota.

Na noite seguinte, deixaríamos Bete em Esperança, mas este momento maravilhoso era nosso.

.oOo.

CAPÍTULO 5

CLANDESTINA A BORDO

Milhões de estrelas brilhavam nos céus quando o enorme aerobarco saiu através daquele curso de água remoto. Enquanto não tivéssemos chegado aos rios mais largos ou lagos, Cruz não gostava de utilizar as asas para se elevar sobre a água. Martins se ocupava guardando equipamentos e suprimentos nos armários enquanto tirava o que seria necessário para nossa refeição da manhã. O Relâmpago Negro tinha grande capacidade para carregamento de carga, devido ao seu casco largo e profundo. Mas quando ele se levantava nos seus esquis, soava por sobre as águas como uma gaivota.

“Aqui tudo pronto, senhor Cruz”, disse eu.

Cruz tirou os olhos dos instrumentos do barco. “Muito bem, Estêvão, vamos continuar por mais umas quatro horas e, então, amanhã de manhã, estaremos na rota do grande rio e lago. É claro que teremos de usar nosso esconderijo para guardar o Relâmpago Negro perto de Manaus. Podemos observar o horário para que cheguemos de noitinha, quando há poucos barcos ali”.

Estávamos já bocejando quando Cruz parou e amarrou o barco no barranco. Em pouco tempo, ele, Martins e eu estávamos no mundo dos sonhos.

Eu acordei primeiro. Já tinha sido combinado que eu seria o cozinheiro nesta expedição. Mas eu não podia entender a razão do delicioso cheiro de café, bacon e ovos

vindo da cozinha. Abri os olhos e vi que Cruz e Martins ainda estavam dormindo.

“Senhor Cruz”, cochichei.

Ele acordou vagorosamente. “Ahhhhhhh-hh o que foi, Estêvão?”

“Alguém está fazendo comida na nossa cozinha”, respondi.

Num instante, Cruz estava bem acordado. “O que será, Estêvão? Nós não deixamos nenhum fogo ligado e eu realmente estou sentindo o cheiro de...” Ele se abaixou para calçar os sapatos. “Vamos, Estêvão, vamos bem quietinhos para...”

“Surpresa!”, disse uma voz feminina bem conhecida. “Vocês têm uma passageira clandestina. O café da manhã será servido para vocês, homens preguiçosos, daqui a 10 minutos, mais ou menos. Venham com bastante apetite, porque fiz bastante”.

“Bete”, exclamou Cruz. “Como é que você está aqui?”

“Ah, eu resolvi que vocês precisavam de uma cozinheira de primeira classe. Vocês sabem que, como cozinheiro, Estêvão tem suas limitações”.

“Bete, eu não sei o que fazer com você”.

“E, além disso, faz muito tempo que eu não vou a Manaus e ouvi dizer que tem muita mercadoria nova para comprar”.

Eu podia perceber que Cruz não estava nada bravo, mas, mesmo assim, ele tentou falar seriamente. “E o que sua mãe tem a dizer a respeito disto?”

“Ah, ela acha que foi uma boa ideia. Agora, venham tomar café”.

Para dizer a verdade, eu também achei que era uma boa ideia ter a Bete conosco. Na certa, iria acrescentar aquela pitada de vigor e de estímulo a este nosso projeto fascinante.

Ao redor da mesa, estávamos todos de bom humor e fazíamos nossos planos. Cruz, sempre o perfeito anfitrião, tentou corrigir sua filha. “Bete, não foi muita gentileza de sua parte criticar a comida que Estêvão faz”.

“Há! Há!”, riu Bete. “Vocês não se lembram da ocasião em que ele colocou baunilha na aveia? Ficou horrível! Até hoje posso me lembrar do sabor!”

“Muito bem”, eu retruquei. “Acho que vai se passar um longo tempo antes que eu cozinhe alguma coisa para você”.

“E certamente não será nesta expedição”, ela respondeu.

Pelo resto do dia, navegamos a uma velocidade reduzida. Cruz controlava nosso progresso com seus planos de chegar à noitinha no rio principal. Às vezes, íamos descendo com os motores desligados, enquanto Bete e eu apreciávamos as coisas interessantes ao nosso redor. Dois ou três pequenos pássaros estavam afastando outro enorme pássaro com ataques rápidos. Alguns jacarés pequenos abriam seus olhos e desciam dos barrancos enlameados e ensolarados para a proteção da água, assim que nos viam. Nunca se sentirá enfadada no Amazonas uma pessoa que ame a natureza e que admire as cores.

Finalmente, escureceu. Lá pelas nove horas, chegamos a uma pequena saída camuflada pelas árvores, que dava no grande rio Amazonas. Cruz manteve o Relâmpago Negro em posição e mandou que eu fosse a pé para ver se o rio estava vazio. Parecia estar tudo em ordem e fiz sinal para Cruz.

Uma hora mais tarde, chegamos o mais perto possível da cidade. Escondemos o aerobarco. Pegamos o pequeno barco auxiliar e saímos para último trecho de nossa viagem para Manaus.

Bem tarde naquela noite, chegamos ao Hotel Amazonas. No dia seguinte teríamos alguma ideia do que seria o futuro.

.oOo.

CAPÍTULO 6

O PROJETO DA FERROVIA

Nas minhas histórias anteriores já mencionei o Hotel Amazonas. Ele está situado na parte principal de Manaus, defronte do Rio Negro. As refeições são servidas em um dos andares superiores, de onde é possível ter uma vista do grande rio e da mata que fica na outra margem.

Bete e eu fomos bem cedo para o restaurante, a fim de conseguir uma mesa em bom lugar, antes que dos Santos chegasse com sua comitiva. Bebemos uma limonada bem gelada e assistimos ao pôr do sol. Era um destes momentos quando tudo está certinho – eu estava na companhia da moça mais maravilhosa do mundo, estávamos na expectativa de uma aventura e logo iríamos saborear um bom jantar. Por estas razões, eu não estava preparado para o que aconteceu naquela noite.

Logo ouvi o som de instrumento acompanhando alguém que cantava. Virei-me e vi um cantor entretendo os fregueses. Ele imediatamente pensou que eu o estava encorajando para cantar à nossa mesa. Aproximou-se vagarosamente, tocando seu violão e esta foi a cantou naquela noite tão alegre:

“A vida é um vale de dor!
A agonia de meu ser é ansiar com ardor
Pelo que nunca será meu – o amor.
Triste é o meu cantar,
Trágico é meu vaguear,
Só e em desalento...”

Eu lhe dei uma gorjeta para ver se ficava livre dele e mandei que fosse cantar para Cruz, que acabava de chegar e estava assentado com um amigo em outro canto do salão.

Logo dos Santos entrou com vários dos seus convidados e nós nos ocupamos com nossa refeição e em

discutir nossos planos com Cruz, que agora tinha vindo sentar-se ao nosso lado.

O jantar no Hotel Amazonas não era muito pomposo, mas logo ficou claro que os grandes e poderosos de Manaus estavam presentes. Sentia-se no ar uma tensão reprimida e todos os presentes conversavam bastante. Poucos se mostraram curiosos a nosso respeito, com exceção de alguns que se espantaram com o tamanho de Cruz. Finalmente, o jantar terminou e houve os discursos que sempre há em encontros como este, elogiando Nelson dos Santos e, ao cabo deles, o grande homem pôs-se de pé para seu pronunciamento.

“Eu tenho certeza que o que tenho a falar não é segredo para a maioria de vocês”, ele disse. “A ferrovia que projetamos é essencial para o progresso do nosso querido estado do Amazonas. Visto que somos o maior estado do Brasil, temos que ter também a maior população e o maior progresso. No momento temos apenas dois habitantes por quilômetro quadrado e nossas florestas e suas riquezas estão quase que totalmente intactas. Uma estrada que nos ligue ao sul do país ajudará muito e tal estrada já está sendo construída, mas a ferrovia vai solucionar o problema do frete barato”.

Alguém começou aplaudir e todos o acompanharam. Dos Santos sorriu e continuou. “Os meus tratores já estão bastante embrenhados na mata, do outro lado do rio. Meus homens têm como objetivo deitar 20 quilômetros de ferrovia por dia e eu tenho que admitir que sinto-me orgulhoso de seu progresso. Espero chegar ao sul ainda este ano. Se tudo correr de acordo com os planos a mercadoria do sul chegará aqui em três dias e a um preço muito inferior do que pela rodovia e muito mais rápido do que por barco”.

“Uma pergunta, senhor Santos”. Era o prefeito que o interrompia. “Alguns de nós não entendemos porque o senhor comprou aquelas grandes locomotivas a vapor, quando são consideradas obsoletas”.

“É uma boa pergunta, prefeito Peixoto”, sorriu Santos. “Eu tenho desenvolvido uma desintegradora de madeira que me fornece combustível barato, utilizando as

árvores do Amazonas que são sem conta. Como o senhor sabe, nossa refinaria trabalha apenas com óleo peruano, porque ainda não foi descoberto o suficiente na região do Amazonas. Vamos usar um pouco de diesel, mas eu acredito que o trem a vapor será muito mais econômico, a longo prazo, até que possamos conseguir óleo mais barato”.

O prefeito fez um sinal de compreensão e Santos continuou falando. Eu tenho aqui um pequeno filme histórico que mostra a união das Companhias Central Pacific dos Estados Unidos, com o objetivo de ligar as duas costas daquele país. Ora, se nós pudermos levar a termo este projeto, estaremos realizando algo de muito maior. Vamos ver o filme. Mas há um probleminha: um dos meus funcionários que fala bem inglês, deveria estar aqui para traduzir os comentários do filme para nós, mas ele ficou doente e não pôde comparecer. Há alguém aqui que poderia traduzir para nós?”

Cruz, acostumado a decisões rápidas, apontou um dedo para mim. Dos Santos sorriu. “Ah, temos aí um rapaz que fala inglês. Você fala bem tanto o inglês quanto o português?”.

Eu fiquei de pé. “Sim, senhor”.

“Como é seu nome?”

“Estêvão Correa, senhor”.

“Seu nome não me é estranho...”, ele disse pensativo. “Seu pai era...”

“Um missionário. Ele já falou várias vezes no senhor”.

“Ah, é claro. O senhor Correa é um homem de quem eu gosto e em quem confio. Por favor, venha até aqui para nos ajudar e ficarei muito contente”.

Enquanto passava à frente daquele grupo de pessoas, pensava na facilidade com que Cruz sempre me colocava bem no meio das situações. Ele mesmo poderia ter-se apresentado como voluntário. Sua capacidade linguística era espantosa, mas estava claro que ele tinha outras ideias.

As luzes se apagaram e o filme começou. Rapidamente traduzi a história da junção das duas

grandes ferrovias. O relento contava os problemas enfrentados na travessia das montanhas, das grandes profundidades de neve que tinham que ser atravessadas e também dos desertos ensolarados. Os funcionários da Union Pacific, que eram na maioria irlandeses, e os funcionários da Central Pacific, que eram na sua maioria chineses, fizeram uma obra fantástica e finalmente os obstáculos foram superados e as duas ferrovias se encontraram. Então o filme acabou e eu me sentei!

O senhor Santos me chamou, “Senhor Correa, amanhã terei que conversar com alguns executivos americanos a respeito deste projeto. Você poderia me ajudar como intérprete?”

Eu vi Cruz fazendo sinal com a cabeça, sorrindo.

“Com todo o prazer, senhor Santos”, eu respondi.

“Muito bem, eu lhe passo os pormenores depois desta reunião”.

Santos projetou um mapa na tela. Estudando a rota da construção, eu percebi que Esperança estava bem próxima, exatamente como Cruz tinha dito. Novamente teríamos que enfrentar o problema da possível descoberta da cidade escondida, que Cruz queria manter oculta aos olhos curiosos do mundo.

.oOo.

CAPÍTULO 7

UM ACIDENTE

Eu nunca consegui descobrir como Cruz conseguiu isto, mas só sei que, no dia seguinte, nós três fomos convidados para ver o progresso das obras da ferrovia. Saímos das docas de Manaus no lindo barco a motor pertencente a dos Santos e fomos atravessando as águas do Rio Negro. O senhor Nelson nos mostrou os enormes barris de aço que sustentavam as rampas de madeira,

nas quais os navios de todas as partes do mundo eram carregados.

“Senhor Cruz, o senhor está ciente dos problemas que enfrentamos para atravessar os inúmeros rios existentes no nosso caminho para o sul, não está?”

Cruz concordou.

“E o senhor sabe que a maré existente nos rios nos obriga a construir docas flutuantes, para que estejam sempre no nível da água?”

“Sim, é claro, senhor Nelson”.

“Muito bem, a ideia que tenho para a construção das pontes – pelo menos de algumas das maiores – talvez seja a mesma. Quando vierem as enchentes, elas se elevariam junto com as águas. O que acham da ideia?”

Eu entendia do que ele estava falando. As enchentes no Amazonas, na época das chuvas, fazem com que o nível das águas suba até vários metros.

Cruz abaixou a cabeça pensativo. “Bem, senhor Nelson...”

Sua resposta se perdeu no meio do barulho dos motores fazendo a manobra de atracamento do outro lado do rio. Alguns dos tripulantes nos ajudaram a descer e entramos no jipe que estava à nossa espera. Imediatamente fomos engolfados num redemoinho de atividade. Escavadoras novas desciam de um barco por uma rampa e passavam por um longo corredor que adentrava o emaranhado de mata verde que se estendia até onde o olho pudesse ver.

Uma enorme e velha máquina a vapor soltava grandes lufadas de fumaça esbranquiçada, enquanto guindastes e vários homens carregavam os vagões atrás dela com segmentos de trilhos e outros tipos de equipamento. Por todo lado se via ação e movimento. Uma enorme placa dizia: “VAMOS UNIR O BRASIL ATRAVÉS DA FERROVIA!” e todos os trabalhadores pareciam estar motivados com a visão deste projeto imenso.

O senhor Nelson parecia estar contente com todo este movimento à sua frente. “Senhor Cruz, Estêvão e Bete, eu não faço isto por mim, mas pelo meu país. No

entanto, devo confessar que sinto-me muito orgulhoso do que está sendo feito. Todo meu dinheiro está empatado aqui – é tudo ou nada!”

“Senhor Nelson, isto é fantástico!”, eu exclamei. “Quando é que podemos ver o resto?”

“Agora mesmo, senhor Estêvão”, ele disse sorrindo. “Deixe-me somente ter uma palavrinha com um dos meus supervisores e logo mais iremos em frente”.

Cruz me puxou para o lado. “Sabe, Estêvão. Admiro muito este homem pelo seu empenho e capacidade. Mas o que poderá acontecer à nossa querida cidade? Não deixa de ser uma grande preocupação para nós”.

O senhor Nelson voltou. “Entrem todos no jipe e vamos até o fim da linha. A obra está avançando muito bem e creio que será uma viagem interessantíssima”. Saímos a toda velocidade e o senhor Nelson olhou para Cruz meio curioso e perguntou: “Eu acho que não lhe perguntei o que o senhor faz, senhor Cruz”.

“Eu sou uma espécie de prefeito de uma pequena cidade do interior”, foi a resposta tranquila de Cruz.

“O senhor tem experiência de obras e construções do tipo que se faz na mata?”

“Sim, senhor, já fiz e dirigi muitas obras, embora não goste de me gabar de meu trabalho”.

“Muito bem, senhor Cruz. Eu conheço um “papudo” quando me encontro com um, mas o senhor não é um deste tipo. Eu creio que o senhor é bastante modesto”.

Cruz sorriu.

“O senhor não gostaria de ser um dos meus consultores? Eu pago bem”.

“Sim”. Cruz respondeu vagarosamente. “Eu gostaria muito de ajudar, mas tenho que considerar minha filha e meu futuro genro”.

O senhor Nelson sorriu e esfregou as mãos. “não há problema algum. Sua filha poderá acompanhá-lo quando o senhor visitar as áreas de trabalho e o senhor Estêvão poderá trabalhar conosco como intérprete nas negociações com vários executivos americanos que estou tentando interessar neste projeto”.

Cruz apertou a mão do grande homem. “O senhor pode contar conosco. Teremos muito prazer em ajudá-lo por alguns dias, pois nós também estamos interessados neste projeto”.

A estrada que levava ao final da linha era realmente longa. Passamos por trens carregados de equipamento para a ferrovia, grandes escavadoras e tratores, todos trabalhando em função da ferrovia e do desmatamento. O senhor Nelson parava de vez em quando para dar alguma ordem e depois continuávamos a viagem. Finalmente, chegamos à área da obra. Centenas de trabalhadores retiravam os dormentes de cima dos vagões e os colocavam em posição. Os trilhos eram deitados em cima deles e afixados por grandes cravos que eram colocados em posição por enormes marretas. Bem lá na frente, as escavadoras e as motoniveladoras entravam floresta a dentro, como uma moto-serra corta uma tábua de pinho.

Paramos ao lado de um vagão carregado de dormentes. “Estão vendo, amigos?”, disse o senhor Nelson, estendendo o braço na direção da obra. “Vinte quilômetros por dia. Estaremos chegando ao sul do Brasil em relativamente pouco tempo”.

Eu percebi algo mexendo-se ao nosso lado e me virei para olhar o vagão perto do nosso jipe. Os pesados dormentes empilhados nele estavam se mexendo e começando a cair.

“Cuidado!”, gritei. “Os dormentes estão caindo”. Pulei do jipe arrastando Bete comigo, enquanto Cruz empurrava o senhor Nelson e o motorista no mesmo instante.

Fazendo um enorme estrondo, a pilha de dormentes caiu sobre o jipe, esmagando-o por completo. Arrepiei-me ao pensar no que nos poderia ter acontecido se não tivesse percebido o perigo.

“Como..., como..., como é que isto aconteceu?” O senhor Nelson estava assustado.

Cruz parou e olhou debaixo do vagão. “Tem alguém do outro lado. Ei, você, venha cá”.

Um índio alto e ágil atendeu seu chamado, pulando em cima do vagão e depois descendo do nosso lado.

“Quem é você?”, perguntou Cruz. “Foi você que causou aquele acidente?”

O índio olhava para Cruz sem piscar. “Não sei de nada”. Suas palavras tinham aquele sotaque normal de pessoas acostumadas a falar outra língua.

O senhor Nelson estava sorrindo. “Não se preocupe, senhor Cruz. Este homem está encarregado dos índios que estão trabalhando no projeto. Ele já se mostrou um homem capaz e muito honesto”.

Cruz não respondeu nada, mas encarou o índio bem nos olhos. Naquele momento travou-se uma batalha de olhares, mas o fogo faiscante do olhar de Cruz venceu. O índio abaixou a cabeça resmungando alguma coisa.

“Não se preocupe”, disse novamente o anfitrião. “Ele não causou o acidente; eu tenho certeza”. E, dirigindo-se ao motorista, disse: “Pedro, pegue outro jipe com um dos supervisores. Diga a eles que recolham este jipe amassado para usar as peças. Este acontecimento foi algo inesperado e devemos estar contentes que escapamos. Eu acredito na boa sorte, senhores. Vocês não concordam?”

“Senhor Nelson”, eu disse. “Nós não podemos concordar. Nós sabemos que nossas vidas são guiadas pelo Senhor Jesus Cristo. Nada acontece sem a Sua permissão”.

“Não, Estêvão”, retrucou aquele homem rico, amável, mas seriamente. “Minha sorte está sempre comigo. Eu não preciso pedir a ajuda de Deus. Com minha sorte eu ganhei muito dinheiro que pode comprar quase tudo e vejam só como eu escapei daqueles dormentes que caíam”.

“Deixe-me apenas lembrá-lo que foi Estêvão que percebeu o movimento na pilha de dormentes e nos deu o aviso”, disse Cruz.

O senhor Nelson deu uma risada. “Muito bem, aí você me pegou. Talvez eu seja obrigado a ouvir um pouco desta conversa sobre religião. Mas agora deixe-me conversar com meu índio Nepo. Eu quero que mais índios de sua tribo venham trabalhar aqui”.

Os dois acompanharam os trilhos uma certa distância; Nelson gesticulando e o outro movimentando cabeça em sinal de acordo.

“Aquele índio é um tipo interessante, não?”, disse Bete. “Mas eu tenho uma estranha intuição a respeito dele”.

“Ah, ele não faria nada de mal”, respondi. “Afinal, Nelson é quem lhe paga”.

“Eu creio que Bete está com a razão”, disse Cruz seriamente. “Vocês ouviram seus resmungos agora há pouco”.

“Sim, mas eu não entendi nada”.

“Eu entendi e é claro que ele não sabe disso. A língua dele é muito parecida com uma das línguas tribais que já estudamos”.

“O que ele disse, papai”, perguntou Bete.

“Ele disse, papai?”, perguntou Bete.

“Ele disse: ‘Malditas máquinas de ferro e de fumaça e seus trilhos que cortam a nossa mata e maldito homem que está fazendo isto!’”, repetiu Cruz seriamente.

.oOo.

CAPÍTULO 8

EXAMINANDO AS OBRAS

Ficamos observando o senhor Nelson e seu trabalhador índio enquanto iam daqui para ali analisando o desenvolvimento do trabalho. Alguns dos trabalhadores eram obviamente índios. Seus braços queimados pelo sol mostravam fortes músculos, enquanto pacientemente colocavam os dormentes no seu devido lugar. Estava bem claro, pelas ordens dadas por Nepo, que ele era o capataz e os outros o respeitavam.

Bete e eu descemos para observar de perto o trabalho das grandes máquinas, retirando a terra e, em

seguida, compactando-a. Uma grande moto serra cortava as árvores maiores que as máquinas normais não conseguiam remover. Mais adiante, através daquele emaranhado da mata, o caminho aberto ia-se embrenhando cada vez mais, e, em seguida, vinham os trilhos, como se fossem cães na busca de sua presa. Era realmente um empreendimento fantástico!

Finalmente, o senhor Nelson voltou para onde estávamos e, apontando para a grande máquina a vapor, disse: “Vamos pegar uma carona com o engenheiro até encontrarmos um jipe novo. Aqui parece que não há nenhum disponível”.

Subimos na máquina e, com um apito dissonante, o grande monstro de ferro voltou vagarosamente em direção ao rio para buscar mais material. Eu sabia alguma coisa acerca destas grandes locomotivas, porque certa vez meu pai tinha trabalhado na Fepasa. Elas eram do tipo que tinha uma cabine na frente, as mesmas usadas nas montanhas do oeste dos Estados Unidos e se adaptavam muito bem ao trabalho aqui na mata. O engenheiro nos explicou que numa ferrovia como esta do senhor Nelson, que atravessava a floresta, o operador poderia ver com maior rapidez uma árvore caída, até mesmo nas curvas.

Chegamos finalmente ao porto e de lá voltamos para Manaus, como tínhamos vindo, no barco do nosso rico amigo, o senhor Nelson.

“Até logo, senhor Nelson”, disse Cruz. “Precisamos terminar nossos negócios e amanhã estaremos à sua disposição para o que for preciso”.

“Muito bem, senhor Cruz”, sorriu nosso anfitrião. “Vou providenciar acomodações móveis que possam ser montadas à beira dos trilhos e tenho certeza de que durante o tempo que o senhor passar comigo terá todo o conforto possível aqui. Senhor Estêvão, por favor, encontre-me hoje à noite no hotel com os americanos. Fique tranquilo, que você será bem pago”.

“Terei todo o prazer em estar lá”, eu respondi.

“Eu não terei”, disse Bete baixinho para que o senhor Nelson não escutasse.

Virei-me para ela com ar interrogador.

“Haverá a apresentação de uma banda hoje à noite na praça, mas vocês, homens, sempre pensam em negócios primeiro”.

“Tudo bem, coração de melão. Talvez tenhamos tempo de ouvir a orquestra depois”.

“Melão?”, perguntou Bete intrigada. “O que você quer dizer com isto? Quer dizer que eu pareço uma coisa redonda? Se você pensa assim...”

“Não, não!”, eu interrompi. “É apenas uma maneira carinhosa de eu chamar você”.

“Olhe, a gente não usa palavras para fazer certas comparações? Por exemplo, alguma coisa que não presta a gente diz que é um abacaxi...”

“Você está dizendo que eu não presto?”

“Claro que não. Eu simplesmente quero...”

Eu já não estava sabendo como me explicar, mas felizmente Cruz me salvou da situação chegando naquele momento, após ter acompanhado o senhor Nelson até a porta.

“Estêvão, o rádio está no seu quarto?”

“Sim, senhor Cruz”.

“Muito bem. Nós vamos jantar e depois eu vou entrar em contato com nossa cidade para saber o que está acontecendo”.

O encontro com os executivos não durou muito tempo e Bete ainda pôde apreciar sua música. Mas quando voltamos, Cruz estava nos esperando ansiosamente. “Vocês não adivinham...”

“O quê?”

“Está tudo bem em Esperança, com exceção de uma coisa. Os guardas que colocamos de plantão ouviram um grande barulho na água durante a noite”.

“E o que eles fizeram?”, perguntou Bete.

“Eles atiraram em direção ao barulho e acenderam rapidamente os holofotes, mas não viram nada. É muito estranho. Eu cancelei o projeto dos peixes até voltarmos”.

“Senhor Cruz”, eu perguntei. “Quais são os nossos planos? Nós não podemos ficar muito tempo com o senhor Nelson”.

“Certo, Estêvão! Você percebeu que não fizemos um compromisso para muito tempo? Eu não espero ficar aqui mais do que duas semanas, no máximo. Vamos somente ver quais os planos dele e então poderemos fazer os nossos, de acordo. Definitivamente, não podemos ficar muito tempo fora de Esperança. Também vocês dois têm que voltar às aulas”.

Ao falar em escola e aulas até fiquei assustado. Eu estava me divertindo com tantas aventuras com Cruz e Bete, que tinha até esquecido.

Fomos encontrar com o senhor Nelson no dia seguinte. Quando chegamos à margem sul do rio, ele bateu palmas entusiasmadamente. “Lá está ela!”, ele gritou.

Eu olhei para ver de que se tratava. Logo adiante, navegando vagarosamente numa balsa, estava uma locomotiva bem antiga. O nome pintado na lateral da máquina era “Augusto Montenegro”, o nome de um grande brasileiro que tinha feito muito pelo desenvolvimento de seu país. Chegando mais perto, vimos que, apesar de um pouco danificadas pelo uso na mata, as placas de acabamento em bronze brilhavam magnificamente. Chegando mais perto ainda, vimos uma placa que dizia que tinha sido construída nos Estados Unidos em 1898 e que tinha trabalhado muitos anos na velha ferrovia de Belém.

“Ah, cá está. Será a máquina principal da minha frota”, disse Nelson com entusiasmo. “Eu a comprei para o meu uso pessoal. Amanhã será descarregada e colocada nos trilhos”.

Para mim, ao examiná-la, era apenas uma velha locomotiva. Eu não podia saber que esta obra prima, construída anos atrás, nos envolveria numa experiência excitante e estranha que não esqueceríamos tão cedo.

Descemos do barco e almoçamos. Em seguida, Nelson nos chamou para assistir uma conferência com alguns de seus contramestres. Ele se colocou de pé ao lado de um enorme mapa bastante detalhado, com um ponteiro na mão.

“Senhores, todos sabemos que nossa rota já está planejada e que até agora a temos cumprido. No entanto, algumas modificações talvez tenham que ser introduzidas, devido ao relevo. Por favor, prestem atenção a esta área da qual estamos aproximando-nos. É uma área que praticamente não foi explorada. Nosso explorador chefe nos diz que talvez fosse mais aconselhável estender a rota nesta direção. Um relevo mais elevado evitará muitos lagos e regiões de pântano, que nos dão tantos problemas”.

Eu vi a preocupação de Cruz. Nós conhecíamos bem a região de que ele falava e estava perigosamente perto de Esperança.

“Nosso explorador sairá hoje de helicóptero para estudo minucioso da área”, continuou Nelson. “Se o resultado for o que estamos pensando, decidiremos a nova rota. Já que estamos aqui, quero dar os parabéns a todos. Seu trabalho está excelente. Já construímos cerca de 140 quilômetros de ferrovia. Vamos continuar trabalhando com todo esforço – não simplesmente para construir uma ferrovia, mas para que nosso querido Brasil seja ligado por um elo de aço”.

Os homens aplaudiram e ficaram de pé para sair, enquanto Cruz e eu ficamos olhando um para o outro. “Que coisa terrível, Estêvão”, ele disse. “O que vamos fazer se o helicóptero se aproximar de nossa localidade? Estamos bem escondidos, mas seria possível detectar alguma coisa que temos lá”.

“Nós não podemos sabotar o motor do helicóptero”, eu respondi. “E esta seria quase que a única coisa que os deteria”.

“Não. Não podemos fazer isto. Esta é uma ocasião, Estêvão, em que precisamos orar e depressa”.

.oOo.

CAPÍTULO 9

SABOTAGEM!!!

O motor do helicóptero estava totalmente destruído! Alguém o tinha atacado com uma ferramenta pesada e estava bem claro que não iria funcionar mais, sem antes ser submetido a grandes reparos.

Cruz e eu saímos ao ouvir o grito do senhor Nelson quando, abismado, descobriu o estrago. Enquanto observava os estragos, Cruz nos informou que alguns dos instrumentos da cabine também tinham sido danificados.

“Quem fez isto?”, perguntou o senhor Nelson. É claro que ninguém podia responder-lhe.

“Está claro que nossa preocupação está adiada por alguns dias, porque aqui temos apenas as peças mais simples”, ele continuou. De repente, ele disse cheio de raiva: “Muito bem. Nós temos um sabotador em nosso meio. Quando eu o achar, repito, quando eu o achar, não vai ser bom para ele”.

Cruz e eu respiramos aliviados, porque tínhamos estado com o senhor Nelson quase o tempo todo e, portanto, não seríamos suspeitos. No entanto, nós tínhamos uma ideia de quem tinha feito tal coisa.

Assim que ficamos sozinhos, Cruz me cutucou. “Que resposta à nossa oração, hein Estêvão? A crise foi adiada, pelo menos por algum tempo. Sabe que estou sentindo-me mais corajoso? Eu sei que a mão de Deus está nisto tudo. Ele não vai deixar que sejamos descobertos; pelo menos agora não. Quem sabe um dia no futuro, mas agora não”.

“O senhor suspeita da mesma pessoa que nós, papai?”, perguntou Bete.

“Sim, eu tenho certeza que sabemos quem fez isto; no entanto, não temos prova nenhuma. Por enquanto, nossa obrigação será alertar o senhor Nelson do perigo deste índio que é seu empregado. Ele me disse que sua decisão é continuar, até que as conclusões das novas

prospecções cheguem às suas mãos e até lá ele estará muitos quilômetros floresta a dentro. Vamos ficar com ele mais alguns dias para ver o que ele faz e ver o que poderemos fazer pela nossa querida cidade. Mas, enquanto isso, vamos ficar de olhos abertos em relação a Nepo, pois ele é um cara perigoso – e eu conheço bem a natureza humana”.

Naquela tarde fomos com o senhor Nelson no Augusto Montenegro até o ponto onde a mata estava sendo derrubada para a construção da ferrovia. Parecia que mais e mais máquinas e tratores tinham sido trazidos até a frente de trabalho e corriam de lá para cá. Cruz desceu com o senhor Nelson para examinar o progresso bem de perto, mas Bete e eu resolvemos ficar onde estávamos e conversar.

“Estêvão, por que você não conversa com o senhor Nelson a respeito de Nepo?”

“Você quer dizer contar a ele o que pensamos a respeito do acidente?”

“Eu sei que nós podemos compreender a intervenção divina no caso, mas eu acho que o senhor Nelson deve ser avisado, para evitar problemas futuros”.

“Eu acho que você tem razão, mas talvez seria melhor falar com seu pai quando ele voltar”, eu respondi. “Olhe, Bete. Veja aquela linda orquídea ali naquela árvore. Você gostaria que eu pegasse para você?”

“Sim, Estêvão. Ela é linda e acho que não temos nenhuma parecida”.

Dei um salto, desci da locomotiva e fui abrindo caminho por entre alguns arbustos para alcançar a flor. Enquanto ia andando, meu pé esbarrou em alguma coisa dura. Automaticamente, passei o pé ao longo do objeto para descobrir o que poderia ser. Parecia um pedaço comprido de aço, talvez uma parte de uma máquina ou ferramenta abandonada.

Cheio de curiosidade, me abaixei para ver o que era, afastando o mato e os arbustos em volta. Era um pedaço de trilho enferrujado. Não, eram dois pedaços. Examinando mais de perto, confirmei que eram

realmente pedaços de trilho, enferrujados e abandonados ali há muito tempo. O que significaria isto?

“Bete”, eu gritei. “Venha cá um momento”.

Ela saltou da locomotiva e correu em direção do lugar que eu estava apontando. “O que você acha disto?”, lhe perguntei.

Mas ela nem teve tempo para responder, pois naquele momento vimos o índio Nepo andando na direção onde estávamos. Peguei Bete pelo braço e nos embrenhamos mais na floresta. Nepo parou, ficou olhando a locomotiva e depois passou os olhos em toda a região ao redor. Não vendo ninguém por perto, ele pegou um pesado machado que estava na locomotiva e caminhou na direção em estávamos escondidos. Ajoelhando-se, ele examinou os trilhos que eu tinha descoberto e testou-os com golpes de machado. Em seguida, depois de olhar em todos os lados a seu redor, ele começou a marcar algumas árvores perto do local. Obviamente ele estava identificando o local e, depois de ter feito isto, ele voltou sorrateiramente ao lugar onde o senhor Nelson e Cruz estavam. “Estêvão, o que significam aqueles trilhos e como ele sabe que estão aí?”

Eu nem respondi, mas resmunguei: “Por que nós não podemos viver uma vida normal, sem sempre nos encontrarmos em confusões como estas?”

“Você realmente pensa assim, Estêvão?”, perguntou Bete com ar de travessura.

“É claro que não. Mas se não fosse tão sério, até que seria divertido. Agora vamos lá dar um jeito de conversar com seu pai, senão eu não terei mais unhas para roer”.

O maquinista do senhor Nelson estava se aproximando. “O senhor Nelson mandou dizer para a gente ir mais adiante. Podem entrar se vocês querem uma carona”.

A velha máquina andou trilho acima, enquanto eu fazia meu planos. Iria contar para o senhor Nelson o que tinha descoberto e lhe mostraria o lugar que o índio tinha marcado.

Tivemos que esperar umas duas horas enquanto Nelson e Cruz conversavam sobre uma enorme ponte de

ação que estava sendo construída alguns quilômetros dali e sabíamos que podíamos voltar para nossas acomodações temporárias. Como se tivesse recebido um sinal, Nepo apareceu vindo de outra direção. Ele subiu a escadinha que leva à repartição onde se guarda a madeira e, subindo rapidamente, logo achou um lugar em cima da pilha, ficando ali sentado e observando cuidadosamente tudo o que o engenheiro fazia para colocar a locomotiva em movimento.

A máquina tocou seu apito meio dissonante e voltamos de marcha ré em direção à base.

“Agora é a ocasião para contar ao senhor Nelson, com Nepo por perto ou não”, sussurrei ao ouvido de Bete.

“Senhor Nelson, temos alguma coisa para mostrar ao senhor um pouco mais adiante”, eu disse.

“Sim, tudo bem, Estêvão. O que é?”

“Mais uns dez minuto e chagaremos lá. Então eu lhe explicarei”.

Olhando pelo canto do olho, eu percebi Nepo com sua atitude impassível e indiferente, sentado em cima da pilha de madeira. Ele não sabia o que eu tinha descoberto.

Logo chegamos perto do lugar e eu comecei a procurar a minha árvore marcada. Mas, para minha consternação, muitas árvores naquela área estavam marcadas e eram meu único guia. Agora era impossível descobrir onde tínhamos estado. Pedi ao engenheiro que diminuísse a velocidade, mas de nada adiantou. Eu simplesmente me lembrava do lugar onde tinha estado.

“O que era que você queria me mostrar, Estêvão?”, perguntou o senhor Nelson curiosamente.

O que eu poderia fazer? Não havia maneira de explicar sem dar a impressão de que o calor daquela tarde tinha afetado minha mente. “Ah, desculpe em tê-lo incomodado. Bete e eu encontramos uma orquídea linda bem perto daqui, mas agora tenho certeza do lugar exato”.

O senhor Nelson me olhou, erguendo as sobrancelhas com ar questionador. “Tudo bem, Estêvão.

Então vamos em frente”. Então deu ordens ao engenheiro para aumentar a velocidade.

Ouvi um barulho como se alguém estivesse rindo por entre os dentes, mas quando olhei para o índio suas feições continuavam calmas e impassíveis como sempre.

.oOo.

CAPÍTULO 10

TESOUROS AQUI OU ALI?

Chegando à base avançada, deixei a Bete em seu quarto e fui ao escritório do senhor Nelson. Eu tinha decidido pôr em pratos limpos o que estávamos pensando a respeito de Nepo – pelo menos aquilo que podíamos provar.

Depois de ter ouvido minhas palavras quanto à culpa do índio no caso dos dormentes que caíram e do helicóptero, o senhor Nelson inclinou sua cadeira e batia pensativamente o lápis na sua mesa, enquanto olhava para o teto.

“Eu aprecio a sua preocupação, Estêvão. Significa muito para mim ter ao meu redor pessoas que pensam na minha pessoa e não no meu dinheiro e, às vezes, sinto que existem poucas destas pessoas. No entanto, eu também já tive minhas dúvidas a respeito de Nepo. Eu preciso dele, pois ele é o líder natural entre os índios. O caso dos dormentes me preocupou, mas a sabotagem no helicóptero me convenceu de que temos um outro inimigo”.

“O que o senhor quer dizer?”

“Quero dizer que eu sei onde Nepo estava no momento em que foi feita a destruição do helicóptero; portanto não podia ter sido ele. Ele estava sob a minha vista ou em minha companhia o tempo todo”.

“Droga!”, eu disse comigo mesmo. “Lá se vai nossa pista!”

“Ah!”, disse meu anfitrião. “Lá vem o piloto. Ele foi a Manaus para encomendar peças para o helicóptero. Entre, Wenwer, entre!”

Virei-me e vi entrar um jovem alto e loiro.

“Estevão, este é Wenwer Von Kalland. Ele um dos melhores pilotos de helicóptero do mundo. Veio da Alemanha fazer um passeio aqui e eu o encontrei. Como você, ele prometeu trabalhar para mim por algum tempo, antes que volte”.

Ele me cumprimentou com um forte aperto de mão. “Prazer em conhecê-lo, Estêvão. Você precisa vir dar um volta de helicóptero assim que estiver consertado. Não está sendo fácil encontrar as peças”, ele disse para o senhor Nelson. “Mas eu creio que posso prometer que o helicóptero estará funcionando dentro de duas semanas. Agora, com licença, vou ver o que pode ser feito por aqui para começarmos o conserto”. Ele se despediu e saiu.

Nelson olhou para mim subitamente. “Estêvão, você tem planos de voltar para esta Escola Bíblica logo?”

“Sim, senhor Nelson. Bete e eu precisamos fazer nossos planos de volta para São Paulo dentro de poucas semanas”.

“Este serviço de pregar o Evangelho que você pretende é um dos serviços pior remunerados, levando em consideração o que se faz.

“Eu estou espantado! Você parece um rapaz inteligente. No entanto, está assumindo uma carreira como esta. Por que você não procura uma profissão mais lucrativa?”

“Senhor Nelson, o senhor conheceu meu pai quando ele morou e trabalhou aqui como missionário, não? Ele parecia triste?”

“De maneira alguma, Estêvão. Sua casa era uma casinha comum e ele tinha um carro bem velho, mas ele parecia sempre alegre”.

“Muito bem. O que ele me ensinou, eu acatei como guia de minha vida. Eu quero passar os dias que eu tiver

nesta vida fazendo coisa que valha na eternidade – alguma coisa que a morte não possa me tomar”.

“O que você quer dizer com isto?”

“A Bíblia diz: ‘Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem, e onde ladrões escavam e roubam’. É isto que estou tentando fazer, senhor Nelson”.

“Estêvão, diga-me. Como é que se acumulam tesouros nos céus?” Seu tom de voz deixava transparecer um desejo ansioso.

“Bem, talvez lhe custe bastante neste mundo. Significa que nós colocamos nossa vida, nossos talentos e qualquer coisa que possuímos – inclusive o dinheiro – à disposição do Senhor Jesus Cristo. Se o senhor O aceitar como Salvador e Senhor da sua vida, vai entender o bom senso disto”.

“Quer dizer que eu teria que abandonar minha fortuna?”

“Eu não posso afirmar isto, senhor Nelson, mas o senhor deve pensar na possibilidade. Deus fará com que o senhor sinta qual a Sua vontade para a vida do senhor”.

Ele cerrou os punhos. “Mas eu não posso. Eu não posso deixar de lado todo o dinheiro que me custou tanto ganhar. Eu sou famoso e aclamado, justamente por causa das minhas riquezas. Eu nunca seria feliz se fosse pobre”.

Era uma cena que eu já tinha presenciado muitas vezes quando tentava convencer uma pessoa da necessidade da sua salvação em Cristo – algumas coisas surgiam à tona e a vontade de Deus ia, aos poucos, sendo rejeitada. Presenciei, com o coração cheio de tristeza, a transformação no rosto simpático do senhor Nelson. Lá no seu íntimo, algo de terrível tinha acontecido. Era uma ilustração viva das palavras proféticas do Senhor Jesus: “Um rico dificilmente entrará no reino dos céus”.

Num instante, o senhor Nelson voltou a ser o executivo. “Muito bem, Estêvão, não vou tomar mais de

seu tempo e, se não me engano, estou ouvindo a locomotiva chegando e o senhor Cruz está nela”.

Entendi a indireta e saí da sala. Fiquei observando, enquanto a enorme locomotiva chegava com suas carretas vazias, prontas para serem novamente carregadas. Ela fez a volta na curva que a colocaria no sentido certo para sair novamente em direção à obra. Quando parou, Cruz desceu com uma porção de mapas na mão. “Senhor Cruz, será que o senhor, Bete e eu podemos jantar juntos hoje à noite? Muita coisa aconteceu nas últimas horas”, disse eu.

“É claro, Estêvão. As coisas têm que ser resolvidas logo. Eu estou começando a ficar preocupado com Esperança. Vamos comer juntos, fazer contato com Esperança e ver como estão as coisas”.

Mais tarde entramos nos aposentos de Cruz, acompanhados por um dos empregados do senhor Nelson, trazendo uma deliciosa refeição. Após ter arrumado a mesa e deixado as coisas em ordem, ele saiu sorrindo, alegre com a gorjeta que Cruz insistiu em dar-lhe.

“Bem, Estêvão e Bete, antes de comer, vamos pegar o rádio e ver o que está acontecendo na nossa querida cidade”.

A luzinha vermelha de aviso estava piscando quando Cruz tirou o aparelho de sua caixa; era sinal de que Esperança estava tentando entrar em contato conosco. Rapidamente Cruz girou o botão e pegou o microfone.

“Cruz falando. Qual é o problema?”

“Senhor Cruz, o senhor Gerson acabou de chegar com um recado para o senhor e ele diz que é de máxima urgência”.

Cruz empalideceu, mas rapidamente se controlou. “Eu tinha receio de que alguma coisa não daria certo se nós saíssemos de lá, Estêvão. É o senhor Gerson, que acabamos de promover para cozinheiro chefe e diretor do setor de fornecimento de alimentos”. Ele falou no rádio: “Deixe-o falar, senhor Carlos”.

Ouvimos um emaranhado de som estático e então uma voz agitada se fez ouvir: “Senhor Cruz, uma coisa terrível aconteceu!”

Cruz segurou firme no braço da cadeira. “Só faltava mais alguma notícia ruim”.

De princípio não podíamos entender nada, mas com a insistência de Cruz, ele falou mais devagar e finalmente pudemos entender. “Senhor Cruz, o senhor está ciente de que a posição que ocupo é de suma confiança”.

“Sim, sim”, disse Cruz com impaciência.

“Justamente por causa disto, este terrível desastre me abateu totalmente”.

“Mas o que é?”, disse Cruz suplicando.

“O senhor não imagina o quanto esta confusão vai afetar...”.

“Senhor Gerson, eu quero saber qual é este problema”.

“É a pimenta, senhor Cruz. Acabou por completo. E como será a minha reputação como chefe de cozinha se não temos pimenta para temperar a comida? Será que eu não serei menosprezado como um que...”.

“Muito bem, senhor Gerson, nós voltaremos logo para casa e traremos uma boa quantidade de Manaus”, disse Cruz, segurando-se para não rir.

“O senhor não vai esquecer?”

É claro que não. Como poderia esquecer algo tão importante?”

“Obrigado, senhor Cruz. O senhor vai salvar a minha reputação de ser...”.

Cruz desligou o aparelho e caiu no sofá num acesso de riso tão contagiante que levou uns cinco minutos para que todos voltássemos ao normal.

“Acho que precisávamos disso”, disse Bete, limpando as lágrimas dos olhos.

“É verdade, Bete. As coisas por aqui têm estado bastante sérias. Mas acredito que para nosso cozinheiro chefe este assunto também é de muita seriedade. Por favor, Bete e Estêvão, me ajudem a lembrar porque, seja o que acontecer, não podemos esquecer da pimenta. Nós já plantamos em Esperança, mas ainda não estamos

moendo os grãos. Bem, agora vamos comer e discutir os negócios”.

Uma boa refeição nos revigorou e agora estávamos em condições de fazer nosso relatório a Cruz e obter sua opinião. Quando contamos o incidente dos trilhos enferrujados e as afirmações do senhor Nelson, ele recostou-se em sua cadeira pensativamente. “É, Estêvão, pelo menos não caímos na monotonia. É impressionante como acontecimentos misteriosos e aventuras sempre nos perseguem. Bem, não temos muito tempo; portanto, em primeiro lugar, vamos orar ao nosso Senhor para que Ele nos dirija naquilo que vamos fazer. Agora que já parei de rir, vou entrar em contato com Esperança e ouvir o lado sério das notícias para apaziguar o senhor Gerson, é bom não esquecer de várias caixas de pimenta”.

Havia poucas notícias sérias de nossa cidade. Os guardas ainda estavam de plantão por causa da enorme cobra na região de Vista Linda, mas não tinham visto nada. No entanto, os probleminhas diários estavam acumulando-se e eles esperavam que voltássemos para casa o mais rápido possível.

Cruz deu um suspiro satisfeito. “Pelo menos podemos nos concentrar com os acontecimentos aqui por mais uns dias. Mas, mesmo assim, eu sinto que deveríamos voltar as atenções à nossa primeira responsabilidade. Se a ferrovia for passar perto de nós, temos que planejar o que vamos fazer”.

“O senhor acha que o trabalho de prospecção será continuado assim que o helicóptero estiver funcionando?”, perguntou Bete.

“É claro, Bete. Ele vai continuar o trabalho assim que puder. Eu não me engano com as pessoas. No entanto, há um fato que eu descobri e acho que vamos considerar: O senhor Nelson é um homem muito rico, mas este negócio de grandes construções envolve enormes quantias de dinheiro. Eu ouvi algumas coisas de seus assessores que me fazem duvidar que ele consiga terminar o que ele começou”.

“O senhor acha que deve haver problemas financeiros?”, perguntei.

“Eu estive calculando a quantia equivalente a esse maquinário pesado e muitas das outras grandes despesas que uma obra como esta exige. É uma quantia estrondosa. Também ouvi algo a respeito de sua tentativa de conseguir ajuda do governo”.

“Mas e suas enormes fazendas e propriedades?”

“Ele conseguiria empréstimos com a garantia destas propriedades, Estêvão. É claro que não sabemos nada de seus negócios, mas eu estou pensando em como ele vai conseguir terminar o que começou. Bem, vamos esquecer os problemas e passar algum tempo em oração e no estudo da Bíblia. Com certeza, Deus tem uma resposta para todos esses problemas. Nós precisamos estar atentos à nossa conduta a ser verdadeiras testemunhas para o senhor Nelson e seu estranho amigo índio. Cristo tem um propósito em nossa estadia aqui; eu tenho certeza”.

Nossa leitura foi o Salmo 103 e os pensamentos que este salmo nos trouxe são realmente importantes para nossa vida diária, como toda a Bíblia o é. O versículo que mais nos tocou nesta leitura foi: “Pois quanto o céu se alteia acima da terra, assim é grande a Sua misericórdia para com os que O temem”.

Na manhã seguinte saímos na velha locomotiva do senhor Nelson. Desta vez, o índio Nepo pediu para dirigir e o fez com tanta competência que eu senti que ele devia ter tido alguma experiência anterior. Mais uma vez passamos por aquela área misteriosa que tínhamos marcado. Parecia até inútil tentar encontrar o que tínhamos achado, mas eu queria tentar novamente, apesar que eu sabia que teria muita dificuldade, pois a mata se apresentava mui homogênea.

Ouvimos o barulho das obras bem antes de chegarmos ao local de trabalho. A ferrovia se estendia com rapidez impressionante. Cada dia velhos pontos de referência ficavam para trás e novos pontos eram estabelecidos. Realmente, a ferrovia do senhor Nelson estava sendo um sucesso.

Eu estava de pé ao lado de Cruz, examinando alguns detalhes no projeto de uma ponte flutuante por cima de

um grande rio que precisava ser atravessado, quando o senhor Nelson chegou perto de nós. “Senhor Cruz e Estêvão, eu gostaria que vocês me fizessem um favor. Peguem aquele pequeno barco e subam rio acima uns dois quilômetros. Verifiquem a possível elevação das águas na época das chuvas. Vocês já têm experiência com chuvas e enchentes e vão saber quais os sinais que devem procurar. Embora seja uma ponte flutuante, precisamos tomar cuidado em relação aos limites de nível máximo e mínimo”.

Cruz fez mais algumas perguntas e, em seguida, pegamos o pequeno barco e Cruz ligou o motor. Era um rio grande – um dos muitos rios que penetram no interior do Amazonas. Era um dia ótimo para um passeio de barco e aproveitamos ao máximo. Navegamos a distância que o senhor Nelson nos recomendou e encostamos o barco à margem.

“Vamos descer, Estêvão”, disse Cruz. “Acho que por aqui poderemos fazer uma boa estimativa com relação ao nível da água”.

Saímos do barco numa pequena ponta de terra que avançava rio dentro e ficamos observando a água por alguns momentos. De repente, ouvimos um som sibilante atrás de nós; viramo-nos de uma vez para ver um enorme crocodilo barrando nossa volta e não demonstrando nenhuma inclinação de ir embora.

“Por que não trouxe uma arma?”, disse Cruz.

“Não podemos nadar neste rio. O que podemos fazer?”, eu perguntei. Então orei pedindo socorro, enquanto o enorme réptil abria sua boca imensa e avançava em nossa direção.

.oOo.

CAPÍTULO 11

NOVO ACIDENTE

De onde ela veio, não podemos dizer com exatidão. Mas, de repente, uma onça pintada se arremessou às costas do crocodilo, pulando de algum ponto acima de nós, sem que tivéssemos percebido sua presença. A onça pintada é um animal que não foge da água e tem um ódio especial por crocodilos – ou talvez seria melhor dizer que tem uma apreciação especial pela carne dos crocodilos.

Na luta entre a onça e o crocodilo, só se via um emaranhado de ação e dentes. Cruz e eu presenciávamos fascinados, mesmo porque não podíamos sair do lugar onde estávamos. A luta se travou primeiramente na terra e depois na parte rasa do rio. A onça se esquivava com muita habilidade, utilizando suas unhas, enquanto o crocodilo tentava morder com seus dentes de serra e com a cauda chicoteava violentamente. Seria um espetáculo interessantíssimo de se observar, se estivéssemos num lugar mais seguro. Mas, assim que a luta se afastou, corremos para a mata e, a relativa segurança que ela nos oferecia, vimos a onça cravar os dentes firmemente no inimigo e, após alguns momentos de luta, o crocodilo morreu.

Embora a onça estivesse ferida, ela arrastou sua vítima triunfantemente em outra direção, sem dúvida para saborear uma gostosa refeição, e deixando atrás de si duas pessoas muito agradecidas.

“Viu como Deus age, Estêvão?”, disse Cruz. “Tenho que admitir que não imaginava tal solução para este problema. Estávamos numa situação um tanto difícil”.

Terminamos nossa investigação, tomando bastante mais cautela e, em seguida, pegamos o barco para voltarmos ao local das obras.

O senhor Cruz e eu voltamos o mais rápido possível ao local da construção da enorme ponte flutuante que estava sendo construída sobre aquele caudaloso rio. Cruz

a examinou cuidadosamente do local onde estávamos e resmungou consigo mesmo, como se estivesse fazendo cálculos.

“Não está certo, Estêvão. A ideia é boa, mas não é um projeto adequado. Essa ponte vai causar problemas para nosso amigo, mais cedo ou mais tarde. Mas a outra alternativa é o grande problema de construção aqui no Amazonas - água demais para atravessar”.

“Por que ele não faz pilares de concreto sólido?”, eu perguntei.

“Talvez por causa do elemento tempo, Estêvão. Mas também estou pensando em outra coisa. Ele está correndo demais com este projeto, como se estivesse com medo de alguma coisa. Talvez tenha medo que seu dinheiro acabe, embora isto pareça um tanto impossível para um homem com tantos recursos que ele tem. Bem, vamos procurá-lo e relatar o que temos feito. Acho que não precisamos incomodá-lo com a nossa história do crocodilo, nem com nossas observações a respeito da ponte. Deixe que ele faça o que quiser”.

Levamos o barco até à margem e, deixando-o amarrado, subimos até à construção. Um trem tinha acabado de chegar com seus vagões cheios de homens; estes desciam rapidamente, assumindo o trabalho que o outro turno estava deixando. Notava-se claramente uma sensação de entusiasmo, como se os homens se estivessem sentindo envolvidos e responsáveis nessa luta que era o desenvolvimento desta grande região do Amazonas. Eu fiquei pensando na influência que esta parte da terra teria na história do mundo. Vinte e cinco por cento do suprimento mundial de água doce estava localizado aqui e isto, com certeza, teria alguma influência.

“Vamos pegar o trem e voltar à base, Estêvão”, disse meu companheiro.

Imediatamente corremos em direção ao trem e pulamos para um vagão, exatamente na hora em que a enorme máquina soltava seu apito e começava a sair. Na volta, Cruz e eu conversamos sem nenhum receio de sermos ouvidos, por causa do vento ao nosso redor.

“Não podemos ficar muito mais tempo, Estêvão. Tem muita coisa que está exigindo nossa presença em Esperança; portanto, teremos que nos esquecer da ferrovia por enquanto. Lá no fundo, eu sinto que vai estourar uma crise, mas não consigo analisar exatamente meus sentimentos. Fizemos muitas observações e há tantas pontas soltas, mas não consigo ver o desenho por inteiro”.

“O senhor fala do fim deste projeto ferrovia?”

“Sim, Estêvão. A ferrovia é uma ideia excelente para o Amazonas, mas não chegou sua hora ainda. Há problemas técnicos demais para se manter uma ferrovia como esta em funcionamento perfeito. Olhe o aterro que foi feito aqui para se colocar os trilhos”.

Eu olhei para onde ele estava apontando. Em muitos lugares tinha sido necessário fazer grandes aterros para manter a ferrovia em seco na época das chuvas.

“Como eu já lhe disse, Estêvão, o grande inimigo de quem constrói estradas e ferrovia no Amazonas é a chuva incessante. A quantidade de chuva que cai por aqui é muita. A tendência, portanto, é que a água carregue os aterros e os rios e igarapés estão continuamente enfraquecendo as pontes existentes ao inundarem a terra na época das enchentes”.

“O senhor Nelson sabe de tudo isto, mas ainda continua com este projeto”, eu disse pensativamente.

“Sim, Estêvão. Ele tem visão e grande determinação e talvez ele consiga chegar até ao fim. Mas não é somente uma luta de construção, mas de manutenção também”.

Neste momento ouvimos um barulho que se sobressaía ao barulho do trem. Lá no alto, o helicóptero podia ser visto indo em direção da floresta.

“Ele já consertou o helicóptero, Estêvão”, disse Cruz. “Agora vamos ver se isto vai nos trazer algum problema”.

Depois de algum tempo, o trem chegou ao escritório base. Era interessante notar que nossas idas as obras levavam mais tempo cada dia que se passava. Já estavam planejando uma nova base perto da grande ponte, para diminuir a distância que os trabalhadores teriam que percorrer, assim como também o carregamento do

material. Tudo era uma grande confusão, com material de toda espécie sendo carregado ou organizado para um rápido carregamento.

Fomos até nossos aposentos e encontramos Bete preparando uma refeição.

“Vai chover e o tempo vai esfriar; portanto, estou preparando uma refeição bem quentinha”, ela disse. Enquanto acrescentava mais alguns condimentos à refeição, Bete falou: “Enquanto estivermos comendo, tenho algumas informações bastante interessantes e um tanto misteriosas para lhes contar”.

Sentamos ao redor da mesa e, depois que Cruz deu graças pelo alimento, Bete nos contou o que ele tinha ouvido.

“Eu fui à biblioteca perto do escritório do senhor Nelson para procurar alguma coisa para ler, quando ele passou com um grupo de executivos que, pela aparência e sotaque, eram de São Paulo. Eles entraram no escritório e, embora não tenha ficado prestando atenção, não pude deixar de ouvir quase tudo o que falavam”. Ela parou e passou uma fatia de pão quentinho ao seu pai e depois continuou. “O senhor Nelson estava tentando convencê-los da importância desta ferrovia. Ele disse que a ferrovia poderia carregar os minérios e a madeira da região sul, por preço bem inferior ao dos caminhões”.

“Isto é verdade”, interrompeu Cruz. “Para grandes carregamentos assim, o trem é muito mais aconselhável”.

Bete concordou e continuou. “Houve muita discussão, mas muito dos visitantes pareciam hesitar em aceitar a ideia. Eu percebi que a voz do senhor Nelson estava ficando cada vez mais alta, à medida que ele tentava convencê-los. Finalmente, ele disse uma coisa muito estranha, pelo menos eu achei estranha”.

“O que foi, Bete?, eu perguntei.

“Ele disse: ‘Senhores, vocês precisam me ajudar a transformar esta ferrovia num sucesso!’”

“O quê?”, eu disse. “um dos homens mais ricos de todo o Brasil, pedindo ajuda?”

“Ah!”, observou Cruz. “Agora estou começando a ver o desenho – as peças estão se encaixando”.

O som do intercomunicador interrompeu nossa conversa. Cruz estendeu a mão, apertou o botão e disse: “Cruz falando!”

“Senhor Cruz, aqui é Nelson. Recebemos uma mensagem de emergência de que o helicóptero caiu na mata perto do final das obras. O senhor gostaria de ir comigo, para ver o que poderemos fazer?”

“Estaremos lá dentro de três minutos, senhor Nelson”.

Ele se voltou para Bete. “Por favor, traga a maleta de primeiros socorros e vamos depressa”.

.oOo.

CAPÍTULO 12

UMA PILHA DE DINHEIRO

Para mim, parecia que passávamos a maior parte do tempo andando para lá e para cá na ferrovia. Logo encontramos o senhor Nelson e, acompanhados por um grupo de trabalho, partimos novamente, desta vez em direção ao local onde o helicóptero tenha caído. Pelo caminho, o senhor Nelson nos relatou o acontecido.

“Conseguimos algumas peças na cidade e a máquina foi consertada sob minha observação”, ele disse. “Quando estava pronta, eu imaginei que desse para fazer um voo teste até o final da linha e, ao mesmo tempo, tirar algumas fotos. É claro que mantivemos contato pelo rádio o tempo todo, mas, logo que passou por cima das obras, ele disse que estava com problemas de falha no motor. Então perdemos contato com ele, apenas conseguindo ouvir dizer que tentaria descer o mais próximo possível da ferrovia. Felizmente, temos uma boa ideia de onde ele está. O senhor sabe o quanto é perigoso se perder na selva”.

Não tivemos problemas em encontrar o helicóptero caído. Alguns dos trabalhadores tinham visto sua queda e já estavam no local. Duas coisas salvaram o piloto. Ele estava suficientemente alto para os rotores girarem sozinhos, agindo como uma espécie de paraquedas, e também sua queda foi amortecida por uma grande árvore frondosa.

O piloto não estava machucado e pediu mil desculpas ao seu patrão. “Senhor Nelson, o motor começou a falhar e eu quase não tive tempo de escolher um lugar para aterrizar perto da ferrovia. Eu sinto muito, realmente...eu...”.

Nelson, com ar cansado, interrompeu. “Esqueça. Não foi culpa sua. Vamos ver se tem alguma coisa na máquina que possamos aproveitar”.

Abrimos caminho por entre os arbustos até onde estava o helicóptero. Após uma olhada, Nelson sacudiu a cabeça tristemente. “É mais um golpe de má sorte. Não vai compensar o trabalho de transportá-lo até a base. Vamos embora, antes que escureça totalmente.

No caminho de volta, Bete e eu fomos assentados no último vagão e de lá podíamos ver a enorme locomotiva quando ela fazia as curvas, que eram poucas. Eu comentei que as máquinas da turbina e a diesel eram muito mais práticas e econômicas, mas muito do romance que existia em uma viagem de trem tinha acabado com a retirada das velhas locomotivas a vapor.

A locomotiva estava em boas condições. O engenheiro de Nelson gostava do apito a vapor e a mata ressoava ao som do seu aviso, enquanto passávamos a toda velocidade. O barulho das rodas do trem, acompanhado por lufadas de vapor branco e de fumaça acinzentada, fazia da viagem quase que uma aventura.

“Estêvão, você tem pensado sobre aqueles trilhos que vimos e que não conseguimos achar novamente?”, perguntou Bete, interrompendo meus pensamentos.

“Sim, volta e meia fico imaginando o que eles significam, mas, na verdade, não tivemos tempo para procurá-los outra vez. E, do jeito que as coisas vão, eles

farão parte de um incidente para o qual nunca teremos resposta”.

“Não era logo ali adiante, em algum lugar?”, ela perguntou.

Olhamos os dois pela escuridão da noite adentro e eu vi as luzes de um trator grande ao lado da ferrovia. O trem o alcançou rapidamente; o tratorista estava fazendo de tudo para tentar esconder o trator entre os arbustos, antes que o trem chegasse perto, mas já era tarde. O enorme feixe de luz da locomotiva clareou tudo. Enquanto o trem passava, foi fácil ver suas feições pela claridade que as luzes do nosso vagão emitiam. E era o índio Nepo que estava abrindo um caminho que levava diretamente à mata, usando o enorme trator.

É claro que o senhor Nelson viu o trator, mas ele considerou o caso sem importância e a locomotiva continuou na sua velocidade. O trator com seu tratorista ficaram para trás.

“Bete”, eu disse, “o que será que está acontecendo aqui? De alguma forma nós estamos envolvidos numa porção de acontecimentos muito estranhos e parece que não há nenhuma relação entre nós e eles”.

“Eu também sinto isto, Estêvão. E eu tenho certeza que aquele era o local dos trilhos de ferro. Mas vou lhe dizer uma coisa”.

“O que é?”, perguntei.

“Eu lhe garanto que não vamos encontrar o local quando voltarmos aqui amanhã”.

E ela tinha razão. Quando esta nossa estranha situação nos trouxe de volta ao mesmo local no dia seguinte, a mata estava tão batida e trabalhada que era impossível saber com certeza o lugar exato em que o trator tinha entrado na selva.

Chegamos finalmente aos nossos aposentos, cansados com aquela viagem. Cruz pegou o rádio para fazer o costumeiro contato com nossa cidade escondida.

Ele apertou o botão e chamou: “Cruz falando. Está tudo bem aí?”

“Boa noite, senhor Cruz”, respondeu uma voz. “Cláudio falando. Estávamos tentando entrar em contato com o senhor”.

“Está tudo bem?”.

“Na cidade sim. Mas o senhor se lembra que nos pediu para acompanhar de perto a situação na lagoa onde aquela enorme cobra foi avistada?”

“Sim. O que foi que aconteceu, então?”

“Acabamos de receber pelo rádio um relatório dos guardas. Um deles estava andando à margem do lago esta noite e parece que este mesmo monstro quase o pegou”.

“O que ele fez, Cláudio?”

“Bem, o senhor sabe, senhor Cruz, que o Marcelo não é um dos nossos homens mais corajosos. Mas ele confessa que o monstro surgiu tão de repente, e era tão grande, que ele nem teve tempo de pensar em usar sua arma para atirar. E tem outra coisa, senhor Cruz”.

“O que é?”

“A descrição dele é exatamente igual à do senhor Augusto e da sua esposa”.

“Muito bem, Cláudio, está resolvido. Nós teremos que voltar para casa”.

“Não, não, senhor Cruz. Nós vamos triplicar o número de guardas e não é possível que não consigam pegar a cobra”. A voz de Cláudio estava calma e tranquila. Talvez seus negócios aí sejam mais importantes”.

“Meus negócios nunca são tão importantes para eu deixar de lado a segurança de nossa cidade, Cláudio. Podem me esperar de volta dentro de uns dois dias. Enquanto isto, dou término aos nossos negócios aqui. Tem mais alguma coisa de importância?”

“Eu tenho um bilhete aqui onde está escrito: ‘de grande urgência’. É para o senhor não esquecer de trazer uma grande quantidade de... deixe-me ver...”

“De pimenta?”, Cruz interrompeu.

“Sim. É isso mesmo. Como o senhor sabia?”

“Mais tarde eu explico. Continue sempre em contato com a gente. Coloque mais guardas na região da lagoa,

mas diga a eles que estarei de volta logo. Obrigado, Cláudio. Câmbio”.

“Boa noite, senhor Cruz”.

“Muito bem, Bete e Estêvão. Temos que sair daqui, voltar para casa e liquidar esta cobra de uma vez por todas. E não vamos ver o final da ferrovia”.

Mas nós vimos o final, sim, quando chegou, chegou de uma maneira veloz e amedrontadora.

Naquela noite não consegui dormir. Saí à varanda para tomar um pouco de ar fresco e, ao sair, ouvi o som de um jipe chegando à nossa área. Quando o jipe chegou mais perto, eu vi que o motorista era o índio Nepo. Ele reduziu a velocidade e parou perto de um apartamento do outro lado da rua. Suas feições estavam meio escondidas, pois havia uma única luz na rua. Ele conversou rapidamente com alguém e depois os dois saíram andando, protegidos pelas sombras. No entanto, havia luz suficiente para se ver.

Nepo estendeu a mão para dentro do jipe, tirou uma pilha de dinheiro e entregou ao mecânico. Depois gritando alguma coisa que parecia um aviso, ele saiu a toda velocidade em direção ao setor de abastecimento central.

.oOo.

CAPÍTULO 13

EXPLORANDO A MATA

Estávamos assentados ao redor da mesa, tomando nosso café, enquanto Cruz falava sobre ferrovias no Brasil. “Você sabe, Estêvão, que há muitos anos, tem sido um sonho para os brasileiros penetrar nestas densas selvas com ferrovias. Isto já tem sido feito, de uma maneira limitada, é claro, em lugares como Belém e na foz do Amazonas. No entanto, o esforço que talvez tenha

sido mais divulgado foi durante a época da cultura da borracha em Porto Velho. A intenção era transportar a borracha e os equipamentos com maior facilidade e maior rapidez naquela época em que o transporte era tão difícil”.

Ele mexeu seu café e ficou observando o vapor subindo até o teto. “Nós sabemos muito pouco da agonia da conquista desta mata. Dizem que, para cada dormente afixado, em seu lugar um homem perdia sua vida. Se isto é verdade ou não, o fato é que muitos homens morreram naquele esforço tremendo. Os equipamentos e remédios não eram tão avançados como os que temos hoje. No entanto, foi um esforço de grande coragem e a linha opera ocasionalmente até hoje. Eu já fiz a viagem duas vezes e foi fascinante!”

“Senhor Cruz”, eu interrompi, “todas as linhas que foram construídas são conhecidas hoje?”

“Eu duvido, Estêvão. A mata cobre tudo com tamanha rapidez que, se uma linha ficar em desuso, é provável que imediatamente seja esquecida”.

“O senhor se lembra de que Bete e eu vimos trilhos enferrujados à beira da ferrovia?”

“Sim, Estêvão, e foi uma pena que você não os tenha encontrado novamente. Há muita possibilidade que haja tais trilhos perto de Manaus. Seriam pertencentes a alguma velha companhia de borracha que trazia o material até o rio, para depois ser levado para a cidade”.

Eu tive, repentinamente, uma inspiração. “Bete, só por curiosidade, por que não tentamos mais uma vez para ver se localizamos dos trilhos?”

“Nós poderíamos fazer isto, papai?”, Bete perguntou.

“É claro. Eu acredito que seja uma boa ideia. No entanto, Estêvão, seria melhor você ir armado e veja que não entre muito na selva sem ter um ponto de referência bastante definido para orientar sua volta. Acho que não é necessário dizer para você como é fácil se perder na mata”.

“Tomaremos cuidado, senhor Cruz!”, eu disse. “E quanto a nos perdemos na mata, se não encontrarmos os trilhos, não entraremos na mata de jeito nenhum”.

“Muito bem, Estêvão. Eu vou falar com Santos e pedir que o engenheiro deixe vocês descerem perto do local. Levem também pequenos rádios e, se por acaso vocês se perderem, seremos capazes de encontrá-los.

Uma hora depois, Bete e eu descíamos pela ferrovia em uma das locomotivas de Santos. Atrás de nós vinha uma fila de vagões para carregamento. O engenheiro era uma pessoa simpática, que concordou em nos deixar descer onde queríamos.

“Senhor José, nós vamos dar umas voltas aqui, enquanto o senhor vai até o final da linha. Quando o senhor voltar, nós estaremos prontos para pegar carona novamente”, lhe expliquei.

“Muito bem”, disse o engenheiro. “Eu vou apitar três vezes quando estiver perto, para chamar a atenção de vocês. Levarei mais ou menos duas horas para descarregar; portanto, vocês terão ideia de quanto tempo mais ou menos terão disponível”.

“Não vamos precisar ficar mais do que isto. Obrigado, senhor José”, disse-lhe.

Alguns instantes depois, o trem diminuiu a velocidade e parou ao localizarmos Bete e eu mais ou menos o lugar. Não havia nenhuma indicação clara de que estávamos certos, mas tínhamos que começar em algum lugar. Colocamos uma estaca com um pano amarrado na ponta, para marcar o lugar em que o trem iria parar em sua viagem de volta e ficamos de lado enquanto o trem desceu trilho afora. Então, de repente, a mata se tornou num absoluto silêncio, quebrado de vez em quando pelo canto de uma ave ou grito de um macaco.

“Vamos começar, Estêvão”, disse Bete. “Duas horas passam bem rápido”.

Começamos a andar ao lado dos trilhos, examinando os arbustos cuidadosamente ao passarmos. A mata era tão igual e poderíamos ver os velhos trilhos se algum arbusto tivesse caído por cima deles. “Vamos orar”, eu disse. “Deus pode nos ajudar”.

Bete e eu curvamos as cabeças. “Querido Senhor”, ela disse, “se for para nos ajudar neste problema, faze

com que achemos os velhos trilhos; ajuda-nos a apreciar as maravilhas da Tua criação. Pedimos em Nome de Jesus. Amém”.

E durante algum tempo, foi isto que vimos: a criação de Deus. Eram coisas interessantes, como um bando de pequenos macacos que se balançavam nas árvores e conversavam uns com os outros, como se fosse um grupo de palhaços peludos. Eles subiam até o topo de uma árvore bem alta e depois se jogavam para um galho bem baixo e depois, cheios de tagarelices, subiam novamente para recomeçar tudo de novo.

De repente, nossa busca deu resultado! Chegamos a uma parte que tinha pegadas no barro e pequenos arbustos amassados – e lá estavam os velhos trilhos. Mas agora havia algo mais: trilhos em curva tinham sido encaixados, como se fossem fazer uma ligação com a ferrovia que Santos estava instalando.

“Estêvão, olhe só!” Bete estava bastante entusiasmada. “Eles sejam lá quem for, estão planejando entrar na ferrovia. Olhe só este trilhos, mas vamos depressa, pois não temos muito tempo”.

Quando mais andávamos, mais evidência havia de que alguém tinha passado por ali não muito antes de nós. Chegamos, finalmente, ao ponto em que os trilhos estavam totalmente desobstruídos e pudemos concluir que a mata tinha sido deixada ao lado da ferrovia de Santos, apenas como camuflagem. Naturalmente, ficamos curiosos. O que significa isto? Continuamos mais uns quatrocentos metros, mais ou menos.

“Olhe, Bete”, eu disse. “Estamos chegando a uma clareira”. Deixamos os trilhos e fomos nos aproximando da clareira, escondidos entre os arbustos, caso houvesse alguém por ali. Segurei alguns galhos e olhamos para dentro da clareira. Era impressionante! À nossa frente estava uma construção redonda meio antiga e uns dois galpões que, aparentemente, tinham sido usados para consertos das locomotivas antigas. Uma fila de velhos vagões enferrujados estava junto a uma das enormes portas.

“Olhe aqueles vagões antigos, Estêvão”, sussurrou Bete. “Parecem mais velhos do que a locomotiva de Santos”.

“Parecem mesmo. Onde será que está a locomotiva? Deve estar em algum lugar por aqui”.

“Devem ser velhos carregadores de borracha. Olhe ali há mais alguns vagões que parecem ter sido usados para isto. Você está ouvindo barulho de alguém por aqui, Estêvão?”

Ficamos atentos por alguns minutos, mas não ouvimos nada. “Vamos, Bete, vamos dar uma olhada de perto”.

Alguns dos vagões verdadeiras antiguidades, dos anos de 1880, mais ou menos. Eram lindos, apesar de estarem enferrujados, e parece que tinham sido guardados naquela construção redonda.

Os detalhes em latão estavam praticamente perfeitos, mas o ferro tinha sofrido mais com a umidade e com o abandono. Um cartaz bonito nas laterais dizia: “Exploradores de Borracha do Grande Amazonas”. Estava claro que estes vagões funcionaram numa ferrovia que tinha sido usada nos dias em que a borracha era encontrada apenas no Amazonas. Nessa época, muitos se tornaram milionários, enquanto que Manaus se transformava numa grande metrópole, cheia de luxo e muito desenvolvimento.

“Isto é estranho, Estêvão”, disse Bete. “Por que é que a floresta não tomou conta desta clareira em todos estes anos?”

Eu parei e olhei para o chão. “Olhe aqui, Bete. Há muitos anos eles jogaram piche e óleo velho aqui e isto não permitiu que a vegetação crescesse. Esta é a razão principal. Mas veja como alguém tem estado trabalhando, retirando alguma vegetação que cresceu. Sem dúvida alguma, eles vão usar uma locomotiva”.

“Santos vai querer saber a respeito disto. Não é, Estêvão?”

“É claro e nós vamos contar para ele; mas, primeiramente, vamos descobrir mais um pouco. Está claro que estes trilhos estão prontos para entrar em

funcionamento. Veja como estão brilhantes onde fizeram passar os vagões! O que será que estão planejando?”

“Estêvão, veja este velho jornal aqui perto de onde o condutor ficava! É tão velho! Diz que Pavlova, a famosa bailarina, iria se apresentar no Teatro do Amazonas”. Bete estava referindo-se àquela magnífica construção, hoje com quase cem anos, que fica no centro da cidade de Manaus.

De repente, ouvi um barulho na mata. “Alguém está vindo para cá, Bete!”

“De onde?”

“Pelo mesmo caminho por onde viemos. Caramba, não vai ser nada agradável se não acharmos um lugar para nos esconder. Rápido, aqui, atrás deste vagão!”

Ficamos olhando de nosso esconderijo e meu coração começou a bater acelerado. Uma turma de uns vinte ou mais índios de aparência mais sinistra imaginável entraram na clareira. Eu os reconheci imediatamente como os índios urubus. Esta tribo, dizem as autoridades, é formada por selvagens dos mais extraordinários e traiçoeiros de todas as tribos do Amazonas. Tocou-me profundamente no coração um contraste: ser possível ver a risca de fumaça deixada no céu por um moderno jato e, ao mesmo tempo, estar em contato com um grupo de índios que nada mudaram nos últimos séculos desde seu aparecimento nesta parte do mundo.

Peguei minha pistola do coldre. Serviria para alguma coisa, pelo menos, contra aquelas terríveis clavas de guerra e arcos e flechas, mas a última coisa que eu queria fazer era abrir fogo. Continuaríamos escondidos, se possível. Os índios ficaram do outro lado da locomotiva. O chefe deles falava rapidamente e parecia estar explicando alguma coisa com relação ao trem. Enquanto ele falava, eu distingui a palavra Nepo. Então, era isto! Eles estavam de conchavo com Nepo, que trabalhava para Santos. E, enquanto estes pensamentos passavam pela minha cabeça, o bando resolveu chegar para o lado do trem onde nós estávamos escondidos.

Peguei no braço de Bete e corremos por baixo dos vagões para o lado de onde eles tinham saído. Uma olhadela só em seus rostos cruéis me deu arrepios. O chefe continuou com seu falatório e eu fiquei imaginando por quanto tempo poderíamos ficar escondidos. Se algum deles resolvesse olhar debaixo dos vagões, nós estaríamos fritos.

Soando através da mata, ouvimos os três apitos da locomotiva em que tínhamos vindo. “Bete, nós temos que sair daqui, pois o senhor José está voltando. Vamos orar para que a atenção deles seja desviada”.

Quase que imediatamente, houve um estampido e o som de arbustos e galhos se quebrando do outro lado em que estávamos. Espreitando com cuidado, eu vi uma enorme anta penetrando na clareira. Imediatamente, os índios soltaram gritos e correram na direção da anta, colocando flechas em seus arcos enquanto corriam. Você pode crer que nós não esperamos para ver o final desta caçada, mas corremos rapidamente na direção oposta.

Assim que chegamos à proteção das árvores, corremos mais livremente em direção à ferrovia. Já não tínhamos curiosidade alguma em relação a trens antigos, índios ou outra coisa qualquer. Só queríamos encontrar o trem, subir nele e ficar fora de confusão por um pouco. Chegamos à ferrovia sem fôlego, apenas três minutos antes de ouvirmos novamente os três apitos e vermos o senhor José chegando ao nosso encontro.

“Puxa”, eu disse, respirando com dificuldade. “Não quero ver índios como estes por muito tempo”.

“Realmente, eles não tinham aparência de nobres, não?”, concordou Bete.

O trem diminuiu a velocidade e nós subimos. “Vocês se divertiram no seu passeio?”, sorriu o engenheiro.

“Não foi bem um passeio divertido”, disse Bete, mas foi emocionante e interessante”.

E, por estranho que pareça, nós não tivemos oportunidade de contar nossa descoberta para o senhor Nelson. As coisas começaram a acontecer com muita rapidez.

.oOo.

CAPÍTULO 14

A TEMPESTADE

Acordei no dia seguinte esgotado, como se minha mente tivesse lutado a noite inteira, tentando decifrar tudo o que estava acontecendo. Nós já tínhamos visto várias situações, mas nenhuma tinha sido tão complicada como esta.

Cruz me chamou para tomar um delicioso café. Enquanto os três estávamos assentados em volta da mesa, contei a Cruz o que tínhamos visto no dia anterior. Cruz achou que devíamos contar tudo a Nelson.

“Hoje vai chover”, disse Cruz finalmente. “Repare no barômetro”.

Olhamos pela janela em direção ao norte. Uma linha de nuvens negras vinha marchando em nossa direção e, enquanto ainda olhávamos, um tremendo ribombar fez tremer nossa cabana.

“A cor daquelas nuvens não é normal, Estêvão”, observou Cruz. “Veja como são escuras. Parece que vai ser muito pior do que uma chuva normal”.

“Papai, o senhor não acha estranho que parece estar havendo uma modificação na temperatura?”

“Sim, Bete. O clima definitivamente não é o que era. Durante muitos anos, a cidade de Belém, na foz do Amazonas, era conhecida com a cidade onde chovia todos os dias à uma hora. Mas isto não é verdade hoje em dia”. Ele olhou para mim. “O que vamos ler para nossa meditação hoje, Estêvão?”

“Estamos no capítulo 7 de Gênesis – a história de Noé e o dilúvio”.

“Então, leia, Estêvão. Sinto que esta passagem está bem apropriada para hoje. Sinto que, quanto mais nos

aproximarmos da vinda de Cristo, tanto mais o mundo está enfrentando a crise. E a volta de Cristo será como o desastre que ocorreu entre o povo na época de Noé”.

Fiz a leitura e então oramos. E foi bom que assim fizéssemos porque realmente iríamos precisar da força que recebemos.

Não tinha sido possível dizer muito ao senhor Nelson a respeito da sua necessidade de aceitar Cristo como Salvador. As oportunidades que tive as aproveitei para enfatizar a importância da paz que temos em Deus através de Jesus Cristo, em contraposição à felicidade que depende das coisas materiais. Ele tinha-se mostrado atento e educado, mas quase que totalmente desinteressado. Com tristeza, me lembrei das palavras do Senhor Jesus no capítulo 19 de Mateus: “Um rico dificilmente entrará no reino de Deus”.

Não sabíamos o que iríamos fazer naquele dia. Cruz ligou para o senhor Nelson e ele nos disse para esperarmos um pouco, que mais tarde ele chamaria Cruz para discutirmos alguma coisa com relação à ponte.

Tentamos nos acomodar para ler um pouco, mas os tremendos trovões da tempestade que se aproximava tornavam difícil a concentração. De repente, a chuva começou.

Durante o período da manhã, a chuva caiu mansamente, mas, à tarde, se transformou numa tempestade sem fim. A água corria formando rios por todo lado. Escorria dos telhados e grandes bicas.

“Isto não vai ser bom para a ferrovia”, dizia Cruz, olhando ansiosamente pela janela. Uma mudança tinha ocorrido em nós dois. Nós não queríamos que a ferrovia passasse perto de Esperança, mas, ao mesmo tempo, queríamos que esta tentativa do senhor Nelson fosse bem sucedida.

O som do interfone nos alertou. “Cruz falando”, ele disse.

“Cruz, aqui é Nelson. Eu quero sua opinião. Estão chegando relatórios pelo rádio, dizendo que pequenos rios de água estão levando a terra debaixo dos trilhos.

“O que o senhor sugere que façamos?”

O senhor Cruz respondeu pensativamente. “Vamos torcer para que a chuva pare. Não posso pensar em nada que pudéssemos fazer para detê-la agora”.

“Mande preparar um trem para ir ver de perto o que está acontecendo. Você está interessado em ir?”, indagou o senhor Nelson.

Cruz se voltou para nós com ar questionador. Eu fiz que ‘sim’ com movimento de cabeça.

“Sim, nós gostaríamos muito de ir e obrigado pelo convite”.

“Muito bem. Nós vamos sair logo. Eu chamo vocês quando estiver tudo pronto”.

“Preparem-se para ficar ensopados”, disse Cruz. “Esta viagem de trem será bem diferente das outras”.

“Creio que deveria tentar contar ao senhor Nelson a respeito de seu amigo, o índio, mas, ao mesmo tempo, eu sei que será difícil provar”.

“É verdade, Estêvão, mas vamos ficar atentos e, se acharmos um momento oportuno, podemos contar o caso”.

Daí a uma hora, partimos. A chuva ainda caía forte, inundando tudo de uma maneira que eu nunca tinha visto em todos os meus anos no Amazonas. À medida que o trem caminhava vagarosamente, podíamos ver que havia confusão em toda parte. Homens tentavam tirar aquelas máquinas monstruosas dos atoleiros, mas não conseguiam. Muitas delas estavam quase totalmente submersas por pequenos igarapés que rapidamente se transformavam em rios. Uma enorme escavadora subia um barranco com grande dificuldade, arrastando uma motoniveladora. Suas esteiras procuravam um ponto de apoio, com um leopardo desesperado tentando escapar da areia movediça. Seu motor diesel estava funcionando no máximo de sua potência, na tentativa de arrastar sua pesada carga. Mas enquanto olhávamos horrorizados, ela escorregou para o lado, virou, tombou e bateu fortemente na motoniveladora, danificando-se bastante as duas máquinas. O maquinista teve grande sorte, pois conseguiu pular fora antes que a máquina tombasse.

E era a mesma coisa por todo lado. A chuva estava destruindo o projeto. Represas provisórias não suportavam a pressão das águas e contribuía para tornar o problema mais sério ao rebentarem e lançarem suas águas com toda a fúria sobre as construções.

Neste momento, o senhor Nelson recebeu uma mensagem pelo rádio de que um trem estava trazendo os homens de volta da frente de trabalho. Assim, com tristeza nós demos marcha ré até o centro de suprimentos, enquanto o senhor Nelson discutia com Cruz a possibilidade e a prudência de se tentar voltar à frente de trabalho assim que o trem de trabalhadores tivesse chegado.

Já era noitinha e a chuva continuava a cair torrencialmente. Tomamos um prato de sopa quente no refeitório, enquanto aguardávamos a decisão do senhor Nelson. O trem já tinha chegado com os trabalhadores. E os homens traziam as mesmas notícias de todo lado – só desastre!

Enquanto olhávamos a cena, o índio Nepo saiu apressadamente de um dos escritórios ali perto. Rapidamente e mostrando muita prática, ele soltou o engate entre a locomotiva e os vagões e depois subiu as escadas de ferro que levavam à cabine. O engenheiro tentou impedi-lo de entrar, mas Nepo lhe deu uma cacetada na cabeça e ele caiu ao chão. Num segundo ele estava na cabine; o enorme monstro de metal soltou uma baforada e foi saindo devagar.

Não podíamos entender nada e enquanto estávamos parados, olhando, o senhor Nelson saiu do escritório gritando: “Parem este homem! Peguem-no! Ele assaltou nossos cofres e roubou uma enorme quantia de dinheiro!”

.oOo.

CAPÍTULO 15

A PERSEGUIÇÃO

Corremos rapidamente em direção ao senhor Nelson. “Nepo conseguiu levar a locomotiva grande”, gritei.

Mas Nelson tinha um plano de ação imediato. “Senhor Cruz, providencie para que a Augusto Montenegro seja trazida para esta linha principal enquanto eu falo com os guardas para manter o mecânico do helicóptero em segurança”. Fiquei imaginando... Será que Nelson tinha descoberto uma união entre os dois?

Por acaso, a velha locomotiva tinha sido preparada para uso de emergência e, em pouco tempo, um dos melhores engenheiros de Nelson a trouxe, soltando baforadas de vapor, até onde estávamos. Nelson apareceu logo, com um revólver, e todos entramos na cabine. As pequenas luzes no interior da cabine iluminavam nossos rostos na escuridão enquanto forçávamos nossos olhos a penetrar na escuridão à nossa frente para descobrir qualquer sinal da locomotiva roubada. A cada instante pegávamos mais velocidade. À medida que nossa locomotiva passava, viam-se cenas de devastação causadas pelas águas e a chuva continuava a cair.

Ainda bem que estávamos numa reta quando vimos a tora que atravessava a linha. Se ela tivesse sido colocada numa curva, poderíamos ter descarrilado. Naquele instante, vimos a outra locomotiva reiniciando sua fuga. Nosso farol iluminou bem a grande tora que o índio havia derrubado sobre os trilhos.

“Não podemos continuar!”, gritou o senhor Nelson.

“Espere um pouco, senhor Nelson”, respondeu Cruz. “Vamos ver o que temos que poderia ser usado como alavanca”. Havia um machado na cabine. Cruz rapidamente desceu as escadas com ele na mão. Num instante, Cruz tinha cortado um varapau bem forte e, com ele na mão, empurramos a tora até que ela se virou,

saiu de cima dos trilhos e rolou pelo barranco. Entramos rapidamente na cabine e saímos velozmente. Logo à frente havia outra armadilha, mas desta vez estávamos atentos. Pudemos ver uma enorme estaca que estava presa nos trilhos e que apontava em direção à locomotiva.

“Eu posso passar por cima daquilo facilmente, senhor Nelson”, disse o engenheiro.

“Tem certeza que não vai descarrilar?”

“Não há nenhuma possibilidade disto acontecer”.

“Muito bem. Desta vez, Nepo perdeu seu tempo. Passe por cima”.

Continuamos em direção ao obstáculo. “Olhem”, eu gritei.

Nosso farol mostrava a locomotiva roubada e ela estava parada perto do lugar onde eu tinha achado os trilhos enferrujados. Naquele momento, saindo da selva, vimos uma coisa estranha e surpreendente. Uma locomotiva antiga a vapor estava dirigindo-se à ferrovia. Era uma locomotiva muito antiga, construída no século dezoito, e estava terrivelmente enferrujada e desgastada. De repente, ela aumentou sua velocidade e a locomotiva em que Nepo estava a seguia também em alta velocidade.

Nelson estava totalmente surpreso. “Senhor Cruz, de onde poderia ter vindo aquilo?”

“Talvez o senhor se lembre de que Estêvão e Bete nos contaram que pensaram ter visto trilhos enferrujados. Só poderiam ter sido aqueles, senhor Nelson”.

“Bem, de qualquer forma, vamos atrás do índio e talvez possamos descobrir o que isto significa”.

Ele se voltou para o engenheiro. “Passe pelo obstáculo”, ele ordenou.

Seguimos em alta velocidade através da noite escura e tempestuosa. Sabíamos que o fim da linha não poderia estar longe e precisávamos fazer Nepo parar. A mata escura e densa nos rodeava. Nosso farol fazia estranhas figuras ao ir de encontro aos muito troncos e folhas entrelaçados. Os enormes pingos de chuva batiam no parabrisa e se transformavam em mil gotículas. Dava a

impressão de uma procissão muito sinistra na escuridão da noite – três locomotivas antigas, correndo uma atrás da outra.

“Prepare-se para diminuir a velocidade”, disse Nelson ao engenheiro. “Estávamos chegando perto da nossa ponte flutuante”.

As árvores foram raleando e já estávamos à beira do grande rio. Olhamos para a frente e vimos que a ponte não estava em boas condições. Qualquer leigo diria a mesma coisa e, enquanto isso, a correnteza do rio, que subia a cada instante, arrancava os pontaletes e suportes. “Ele não vão conseguir escapar”, resmungava Cruz. “Não é possível que Nepo tente”.

Mas parecia que nada fazia o índio parar. A velha locomotiva enferrujada atravessou cuidadosamente, sendo guiada por um dos índios amigos de Nepo. Quando ela chegou com segurança ao outro lado, a locomotiva em que Nepo estava seguiu em direção à ponte a todo vapor. Ele evidentemente sabia que estava arriscando-se e resolveu que a melhor coisa seria tentar atravessar em alta velocidade.

Cruz estendeu a mão para o cordão do apito. “Vou tentar avisá-lo com nosso apito”, ele disse. O som ecoou pelos ares, mas parece que fez com que o fugitivo aumentasse a velocidade ainda mais. O trem alcançou a ponte e nós ficamos observando, aflitos; na metade do caminho, parece que os trilhos afundaram de um lado. A locomotiva perdeu o equilíbrio e foi rolando em direção às águas espumantes. Instintivamente, todos tentamos dar um grito de alerta, mas era tarde demais. A enorme locomotiva quebrou totalmente os suportes e pontaletes ao cair na água.

Enquanto olhávamos, vimos Nepo pular fora na hora “H”. E então, com um tremendo “chuá”, a locomotiva fervente entrou em contato com a água fria do rio e afundou, desaparecendo nas águas.

Nepo encontrou um pequeno galho que o levou até à margem. Ele subiu o barranco até onde a antiga locomotiva o esperava. Naquele instante, um relâmpago clareou toda a cena e vimos Nepo de pé do outro lado da

ponte, batendo os punhos e gritando alguma coisa que não podíamos entender. Então ele entrou na velha locomotiva e ela sumiu na escuridão, fora do alcance do nosso farol. Cruz apontou: “Olhem, lá vai a ponte!”

.oOo.

CAPÍTULO 16

UMA CONVERSA SÉRIA

Ouvimos os sons da velha locomotiva cada vez mais distantes, enquanto assistíamos à destruição bem à nossa frente. A ponte, enfraquecida por sua luta com a enorme locomotiva, estava se desfazendo sob a pressão do rio turbulento. Finalmente, fazendo um barulho incrível, ela se tornou um grande destroço e foi levada pela torrente de água espumante e suja.

Após esta catástrofe, ouvimos as palavras cheias de aflição do senhor Nelson: “Estou arruinado!”

Cruz tentou consolá-lo. “Calma, senhor Nelson. Talvez, no fim, tudo vá dar certo. Eu também já experimentei grandes desapontamentos, mas de alguma forma ou de outra, sempre têm sido para melhor”.

Eu sabia que ele estava referindo-se à época em que ele tinha sido forçado a abandonar a primeira cidade escondida chamada Esperança.

“Ah, meu bom amigo Cruz, você não entende. Quando eu disse que estava arruinado, eu quis dizer exatamente isto. Mas espere! Vamos voltar ao acampamento, tomar um lanche e eu lhes explico. Sinto que você é capaz de entender”.

A chuva foi se tornando menos intensa, à medida que voltávamos. O que podíamos ver pela luz do farol que confirmava a ideia de destruição por toda parte.

Após um banho de chuveiro quente e vestirmos roupas secas, fomos até a cabana do grande construtor.

Ele já estava mais conformado, mas ainda estava bastante tristonho. Tentamos alegrá-lo enquanto comíamos uma refeição deliciosa. Mais tarde, o senhor Cruz, Bete e eu sentamos com o senhor Nelson e ouvimos a explicação de sua triste afirmação.

“O que vou contar-lhes agora é algo que não tenho contado a ninguém, nem mesmo a minha querida esposa que está em Manaus. E eu vou contar a vocês, porque sinto que vocês são verdadeiros amigos. Várias vezes vocês têm mostrado interesse por minha vida espiritual, embora vocês mesmos tenham notado que eu não me tenho preocupado com isto.

“A destruição que vimos acontecer hoje é apenas um em uma série de reveses que aconteceram comigo. Eu fui rico, sim. Minhas propriedades no Amazonas são imensas, mas estão todas hipotecadas neste projeto. O preço das máquinas, dos trens, a constante alta no preço do aço, a mão de obra e os suprimentos de toda espécie ultrapassaram em muito a nossa estimativa inicial.

“Eu pensei que poderia interessar os bancos, mas eles preferem algo mais seguro. Talvez vocês tenham visto o grupo de industriais paulistas que vieram ver o projeto. Eu estava contando com eles, principalmente porque alguns são grandes amigos, mas também nada consegui.

“Com relação ao índio Nepo, eu o peguei roubando meu cofre. Ele conseguiu fugir com uma enorme quantia de dinheiro. Depois descobri que ele e o mecânico do helicóptero tinham combinado destruir o aparelho e fazer todo o possível para atrasar o projeto”.

O senhor Nelson parou um instante para beber um pouco de seu café. “Vocês querem saber por que o mecânico está contra nós e sabotou o helicóptero, além de roubar dinheiro juntamente com Nepo?”

“Sim, por quê?”, eu perguntei?”

“Ele é um parente longínquo do Visconde de Mauá, o grande pioneiro ferroviário do Brasil, e ele diz que não quer que ninguém ofusque a memória do seu famoso ancestral”.

Cruz meneou a cabeça, como se não conseguisse entender uma atitude estranha. “Então, senhor Nelson”, disse Bete, “esta tempestade foi a última gota de água?”

O senhor Nelson até conseguiu dar um sorriso pela comparação feita pela Bete. “Sim, Bete. É possível que eu tenha tido uma chance, mas a tempestade acabou com tudo. Amanhã farei uma reunião geral com todos os trabalhadores. Vamos recolher todo o equipamento possível, pagar os trabalhadores e isto é o final da grande ferrovia amazônica”.

“Sentimos muito que isto tenha acontecido”, disse Cruz, “embora eu tome a liberdade de repetir o que já havia dito antes. Deus tem um plano em tudo e uma mensagem que Ele quer que o senhor entenda. É Deus quem governa o mundo e não nós, pobres humanos. Nós temos grandes ideias, mas é Ele quem toma a decisão final”.

O senhor Nelson olhou bem para Cruz. “Senhor Cruz, quem é realmente o senhor? De repente me vem à cabeça, que eu realmente sei bem pouco a seu respeito e de onde vem. O senhor me desculpe por dizer isto, mas o senhor não é um homem comum. O senhor é um líder de alguma coisa em algum lugar”.

Cruz sorriu. “Eu sei que o senhor vai entender quando lhe disser com toda franqueza que eu preferiria não responder muitas perguntas. O senhor diz que sou um líder. Sim, eu sou, embora não possa dizer de onde e nem porquê. Mas eu lhe digo que sou um homem comum, um pecador por quem Cristo morreu”.

“Você tem toda a certeza de que Deus se preocupa com você?”, perguntou o senhor Nelson.

Cruz tirou um pequeno Novo Testamento de seu bolso e o entregou para mim. “Quando o senhor tiver um encontro com o Senhor Jesus Cristo, suas ambições com relação a esta ferrovia não terão a menor importância. O senhor vai compreender que em Deus temos vida eterna e o senhor encontrará uma paz que nunca imaginou ser possível. O senhor será um coparticipante com Deus. Deus usou meu jovem amigo Estêvão para me mostrar o

caminho da vida eterna. O Senhor permitiria que ele explicasse mais uma vez?”

“Eu terei prazer em ouvi-lo. Pode falar”.

Eu abri o Novo Testamento no capítulo 12 de Lucas e li alguns versículos, começando pelo versículo 31: “Buscai, antes de tudo o Seu reino, e estas coisas vos serão acrescentadas. Não temais, ó pequenino rebanho, porque vosso Pai Se agradou em dar-vos o reino. Vendei os vossos bens e daí esmola; fazei para vós outros bolsas que não desgastem, tesouro inextinguível nos céus, onde não chega o ladrão nem a traça consome, porque onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração”.

“Está vendo, senhor Nelson?”, eu disse. “As riquezas verdadeiras que temos em Deus são obtidas através da fé que temos nEle e por seguir a Sua vontade em nossas vidas.

“‘Cristo morreu pelos nossos pecados’, é o que diz a Bíblia. Assim, se depositarmos nossa fé em Cristo como nosso Salvador e Senhor, então estaremos prontos para andar com Deus Pai num relacionamento novo – aquele relacionamento de Pai e filho. E estas são as verdadeiras riquezas que não podemos perder”.

“Eu vou pensar com cuidado no que você disse. Mas agora, com licença, estou muito cansado e preciso dormir um pouco, pois amanhã terei muitas decisões a fazer. Preciso encarar o fato de ser um homem relativamente pobre”.

Quando voltamos à nossa cabana, vimos a luz vermelha de nosso rádio ligada, indicando que estavam nos chamando de Esperança.

Cruz pegou o microfone. “Cruz falando. O que está acontecendo aí?”

“Senhor Cruz, aqui é Cláudio. Temos recebido pelo rádio uma notícia dos guardas que estão perto do lago. Eles acreditam que encontraram o lugar onde a enorme cobra está. O senhor pode vir imediatamente?”

.oOo.

CAPÍTULO 17

NOVA EXPEDIÇÃO

O grande rio Amazonas se estendia à nossa frente nos proporcionando uma vista de uma enorme porção de água ladeada pela floresta virgem. Estávamos mais uma vez no veloz Relâmpago Negro e voltando, às pressas, para a cidade escondida. Escolhemos sair à noite quando a possibilidade de algum curioso se interessar pelo enorme aerobarco era limitada pela pouca visibilidade. O profundo conhecimento que Cruz tinha das correntezas do rio e o ocasional uso do holofote faziam com que a nossa viagem fosse feita em segurança. Era tão emocionante sentir o vento no rosto enquanto “voávamos” sobre as águas nos esquis!

Enquanto Cruz pilotava o barco, ele estava muito pensativo, mas agora ele interrompeu o silêncio: “Senti muito ter deixado o senhor Nelson, mas, na realidade, não podíamos fazer muito para ajudá-lo”.

“Quem dera ele realmente tivesse aceitado a Cristo antes de nós irmos embora!”, disse Bete.

“Realmente”, concordei, “mas esta é uma coisa que você não pode forçar as pessoas a fazerem. A única coisa que podemos fazer é falar-lhes da Palavra de Deus e orar para que não demorem muito em sua decisão”.

Dali a pouco chegamos à entrada para o rio escondido que leva a Esperança. Para alguém que por acaso passasse por ali parecia ser uma série de pequenas ilhas cobertas com muita vegetação. Mas para nós era uma entrada engenhosa na qual cabia direitinho o aerobarco. Uma vez do outro lado da vegetação, Cruz ligou o holofote e subimos rio acima em direção à nossa casa, com toda velocidade.

Estávamos cansados e queríamos parar na nossa linda cidade. Mas, em vez disto, Cruz abasteceu o barco e nos deu serviço buscando armas de alto calibre e estoque de balas. Por fim, ele acrescentou uma lança de aço com

o formato de um arpão. Ele não queria que Bete fosse, mas ela apresentou um longo argumento e conseguiu o que queria:

“E por que eu não posso ir, tendo estado com vocês no negócio do trem? E qualquer um pode ver que uma cobrinha não é tão perigosa como um grande trem, e enchentes, e aquele índio. Além disso, vocês sabem como são péssimos cozinheiros e, se forem ficar por alguns dias, vão precisar de comida e, além do mais, Estêvão quer que eu vá, não quer Estêvão?” Eu estava tentando entender a lógica de todo este discurso, mas de qualquer forma, ela tinha conseguido colocar-nos numa posição em que seria difícil dizer ‘não’.

Cruz sacudiu a cabeça, cheio de dúvidas, mas depois deu uma risada. “Palavras, palavras, palavras! Bete acho que você poderia matar a cobra de tanto falar e, assim, não precisaríamos atirar nela!”

Cruz acrescentou um cabrito vivo à nossa carga e, em seguida, saímos rio acima com Martins e Cláudio nos acompanhando.

Falar corajosamente acerca de matar uma cobra quando se está seguro na cidade é uma coisa, mas, quando não se sabe realmente de que se trata, é outra. Cruz me contou algumas histórias que ele já tinha ouvido acerca de cobras. Ele nos avisou que a grande jiboia nem sempre era bem visível porque usava águas dos rios e dos lagos para se esconder. As jiboias, às vezes, atacam o homem e têm uma influência hipnótica nos animais. Não se sabe se esta influência é exercida também no homem.

“Olhe, Estêvão, é verdade, embora eu já tenha duvidado. Animais como pequenos gados que normalmente não gostam de água já foram vistos pulando dentro da água quando tem uma jiboia por perto. E já foi provado que estas cobras enormes exerceram influência deste tipo no homem, embora seja difícil dizer até que ponto”.

Em pouco tempo chegamos à Lagoa Vista Linda. Os guardas ficaram contentes com nossa chegada. Estavam cheios de notícias.

“Senhor Cruz, temos observado cuidadosamente e acreditamos que descobrimos seu esconderijo”. Ele apontou para uma laguna distante. “Já observamos ondulações na água, como se houvesse alguma coisa comprida por baixo embora não se tenha mostrado, é bem possível que esteja lá”.

“Muito bem, homens”, sorriu Cruz. “trouxemos alguma coisa que talvez a atraia. Por favor, ajudem-nos a descarregar o senhor Cabrito e vamos iniciar nossa caçada imediatamente”.

.oOo.

CAPÍTULO 18

O MONSTRO

Verificamos nossos rifles pela quarta vez e Cruz foi guiando o Relâmpago Negro o mais devagar e silenciosamente possível, em direção à laguna.

Cruz deu posições aos guardas às margens do lago para aumentar nossas chances de pegar o réptil, caso ele escapasse de nossos tiros. Então, olhando com cuidado, tiramos o cabrito e o levamos a uma certa distância numa pequena praia perto da laguna. Fincamos uma estaca, amarramos o cabrito bem firme e nos posicionamos a apenas alguns metros de distância, à sombra de umas árvores, esperando o que fosse acontecer. O tempo foi passando devagar e a tarde começou a dar lugar à noite. O silêncio era total, quebrado ocasionalmente pelo grito ou assobio de algum animal ali por perto.

Cruz agarrou meu braço. “Lá vem ela, Estêvão”, ele sussurrou.

Eu olhei em direção ao cabrito. Alguma coisa estava fazendo ondulações debaixo da água e seu corpo enorme começou a escorregar em direção ao animal que nada

podia fazer. O monstro era tão terrível quanto tinha sido dito. Sua pele verde oliva cheia de desenhos pretos brilhava sob os últimos raios do sol à medida que se movimentava em direção à sua vítima, lentamente, mas sem parar. O cabrito pinoteava, berrava e tentava arrancar a corda em que estava preso, mas a jiboia não demonstrou nenhuma pressa, quase como se soubesse que sua presa não podia escapar.

Cruz pegou o arpão de aço. “Espere até que o corpo todo esteja fora da água, Estêvão”, ele ordenou, “e então atire na cabeça enquanto eu jogo o arpão. E, por favor, você e Bete, fiquem bem longe da linha”. Ele foi silenciosamente até a popa do barco e levantou seu arpão vagorosamente. Eu olhava pelo telescópio para conseguir acertar o lugar certo.

Cruz levantou totalmente seu forte braço. “Fogo!”, ele gritou e arremessou o arpão. “Pei, pei, pei, pei”. O rifle dava rebote nas minhas mãos à medida que as balas acertavam na jiboia. Já ouviu falar em ação rápida? O enorme monstro se levantou com um tremendo chiado que mais parecia o barulho de um maçarico e veio atrás de nós. “Estêvão, entre na cabine e continue atirando. Vamos ter que sair daqui!”

A sombra da jiboia se elevou acima de nós. “Rápido! Ela vai nos esmagar!”, gritou Bete. Cruz apertou o botão de partida e o barco veloz saiu rápido, exatamente quando a jiboia se jogou na água pouco atrás de nós.

Eu lancei mais uma rajada de tiros, na sua direção, enquanto os guardas já estavam começando a achar o alvo. A linha de náilon bem grossa em que estava fixo o arpão começou a soltar-se à medida que navegávamos.

“Vou passar perto dela outra vez”, gritou Cruz. “Atire para valer desta vez!” Demos a volta e novamente a enorme cabeça saiu da água, mas eu estava bem preparado com o rifle e finalmente a jiboia caiu na água como um enorme tronco, espalhando água para todos os lados. Tínhamos vencido a batalha, mas, agora que a confusão tinha terminado, comecei a suar e tremer um pouco.

“Ouça, Bete, eu não gostaria de ver uma coisa como essa todos os dias!”

“Nem eu”, disse Cruz. “Estêvão, pegue o comunicador e diga aos guardas virem até aqui no barco. Temos que tentar levar este monstro para a praia e aproveitar a sua pele. Será uma ótima adição para o museu de nossa pequena cidade”.

Tirar a pele deste monstro não era tão fácil assim. Deixamos a tarefa para a manhã seguinte e passamos a noite à beira do lago. Colocamos o cabrito novamente em seu engradado, até voltarmos à cidade. Demos-lhe uma boa refeição, pois sabíamos que ele tinha sido um ajudante excepcional - embora relutante - a peça importante nessa nossa vitória.

Ficamos sentados em volta da fogueira, assando carne na brasa.

“Pois é, senhor Cabrito, ensinou-nos uma lição”, disse Cruz.

“Como, papai?”, perguntou Bete.

“Vocês se lembram que ele não podia fazer nada e não tinha chance alguma à medida que eu providenciar o salvamento. E esta é justamente a nossa condição diante de Satanás. Ele é astuto e poderoso e, se não fosse nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, não teríamos nenhuma esperança de escapar de suas garras”.

“O cabrito está feliz e nós também”, eu acrescentei. “Vamos orar e agradecer a Deus pela Sua proteção nesta tarde”. Naquele lugar remoto expressamos nossa gratidão ao Pai Celeste pelo Seu cuidado amoroso.

No dia seguinte, fomos tirar o couro do bicho, o que não foi fácil, e nos deu bastante trabalho. Foi preciso mandar buscar um barco especial para levar o corpo à cidade, porque até mesmo a capacidade de carga do Relâmpago Negro não era suficiente para acomodar tudo.

Terminado nosso trabalho, entramos no Relâmpago Negro para voltar à cidade, com os corações alegres. “Mais um grande problema resolvido”, eu disse a Cruz.

“Realmente, são dois, Estêvão”, ele respondeu. “Não esqueça que a ferrovia não vai nos aborrecer mais”.

“É verdade”, acrescentou Bete. “Mas eu tenho pena do pobre do senhor Nelson”.

“Sim, Bete. O nosso amigo, antigamente tão rico agora é pobre”, observou Cruz. “Mas quem sabe? Talvez esta perda seja para seu ganho eterno!”

Bete e eu estávamos sentado juntos no pátio da casa de Cruz, olhando os lindos peixes tropicais nadando perto de uma pequena cachoeira.

“Sabe de uma coisa, Bete?”

“O que, Estêvão?”

“Eu amo você! Vou ficar tão contente quando nosso curso terminar e pudermos casar-nos”.

“Eu também, Estêvão. Eu só quero que você saiba que eu...”

“Olá, Olá!” Ouvimos uma voz alegre gritar. Era o senhor Gerson, o chefe da cozinha, que estava chegando com uma bandeja enorme. “Ah, meus amigos, eu queria fazer uma homenagem ao bondoso senhor Cruz e a vocês também e trouxe alguns salgadinhos. Agora que temos bastante pimenta do reino, vocês podem ter certeza que eu... eu não estou incomodando vocês, não é?”

“Não, não”, respondi, mas, ao mesmo tempo, pensando que ele podia ter escolhido outro momento para trazer seus quitutes. Mas, afinal de contas, ele não tinha culpa.

“Mas vou voltar depressa para a cozinha. Por favor, depois digam-me se gostaram dos salgadinhos. No entanto, se for possível falar com o senhor Cruz, digam-lhe que nosso estoque de fermento está acabando e se o nosso querido líder pudesse...”

“É claro, senhor Gerson”, disse Bete. “Eu vou falar com ele e muito obrigada pelos salgadinhos”.

“Bem, como eu estava dizendo...”

“Correio, cartas”, ouvimos uma voz alegre gritar. “Venham para o meu escritório, meus pombinhos. Eu tenho uma carta que acabou de chegar com os suprimentos de Manaus e quero lê-la para vocês”. Era Cruz que estava chamando.

“Realmente, nem temos tempo para ser pombinhos”, eu disse.

Bete me puxou para ficar de pé. “Venha, meu grande caçador. Deve ser alguma coisa importante”.

.oOo.

CAPÍTULO 19

BOAS NOTÍCIAS

Cruz olhou para nós ao entrarmos no escritório. “Ah, eu não estou interrompendo nada, estou?” Mas o brilho de seus olhos nos indicou que ele sabia que possivelmente estivesse interrompendo algum momento importante.

“Parece-me que esta mesma pergunta nos foi feita há alguns minutos”, disse Bete para mim.

Cruz encostou sua cadeira para trás e sorriu. “Desculpem-me, mas preciso contar algo para vocês. São notícias do nosso amigo, o senhor Nelson”.

“Vou ler o último parágrafo, porque o começo está cheio de notícias e observações sobre a operação limpeza após a enchente”, disse Cruz.

“Com relação a Nepo e à velha locomotiva, ainda resta um mistério. Você acredita que, tanto ele quanto a máquina, desapareceram completamente? Eu enviei um grupo de homens a seguir os trilhos até o final do projeto, mas eles não encontraram nada. Parece que aquela velha locomotiva foi uma que restou dos anos em que Manaus era próspera e quando a borracha era transportada pela ferrovia. Mas quem sabe os índios a tenham escondido em algum lugar, em trilhos que já eram esquecidos nesta imensa floresta amazônica.

“No entanto, meu querido amigo Cruz, só posso lhe dizer que esta enchente me destruiu economicamente. Pela compreensão e bondade de alguns credores, eu tenho o suficiente para começar um novo negócio, mas agora, não sou um homem rico.

“Mas agora quero lhe contar alguma coisa que eu sei irá fazê-lo feliz. Eu peguei minha Bíblia e li as palavras do grande apóstolo Paulo: ‘Pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo que, sendo rico, Se fez pobre por amor de vós, para que, pela Sua pobreza, vos tornásseis ricos’.

“Foi lendo este versículo que eu me enxerguei um homem pobre, materialmente, e em grande necessidade, espiritualmente. Eu sabia que não tinha nada para oferecer em troca da salvação. Foi então que eu entendi que precisava confiar em Jesus Cristo, e somente nEle, para receber a vida eterna. E agora, meu amigo, eu estou mais contente do que poderia imaginar. O que importa se eu perdi a minha fortuna? Estou rico em alegria como nunca estive antes.

“Obrigado por sua bondade. Também agradeça ao senhor Estêvão e à sua filha Bete pelo seu interesse. E quando estiver em Manaus, não deixe de visitar-me. Seu amigo, Nelson dos Santos”

Cruz enxugou um lágrima dos seus olhos. “Puxa, Estêvão, que riquezas você nos trouxe. Desde que você achou nossa cidade escondida e nos mostrou a Palavra de Deus, não somos apenas nós que saímos ganhando, mas temos a oportunidade de ajudar outros a enxergarem a verdade”. Ele se debruçou sobre sua escrivinha e se ocupou com alguns papéis. “Podem continuar a conversa de vocês, eu só queria compartilhar esta notícia”.

Lá fora, o céu parecia um veludo preto, salpicado com estrelas que cintilavam como pedras preciosas. Aquele silêncio profundo do Amazonas nos envolvia, enquanto apreciávamos, fascinados, a majestade da Criação.

“Não é maravilhoso, Estêvão?”, disse Bete baixinho. “Mais uma pessoa encontrou o Caminho. E eu acho que você também é maravilhoso”.

Eu a abracei forte. “Não, Bete. Eu sou simplesmente um homem comum, mas tenho a melhor ocupação do mundo: mostrar às pessoas a pessoa de Cristo. E é isto que eu quero fazer por toda a minha vida!”

“Mas eu ainda acho você maravilhoso”, ela disse. “Vamos, vou preparar um jantar à luz de velas no pátio, onde poderemos apreciar a beleza das estrelas e fazer planos para o futuro”.

“Ótima ideia”, eu respondi. “Vamos logo”.

.oOo.

CAPÍTULO 23

JUNTOS,

RUMO A SÃO PAULO

As semanas seguintes se passaram em meio a grande alegria. Não havia nuvem alguma para escurecer nossa felicidade.

Durante alguns dias ficamos imaginando se a proximidade dos destroços do avião não nos causaria problemas, mas Cruz colocou homens a postos e a expedição que veio recolher os destroços nem chegou perto de nós. Seguimos os noticiários da rádio com interesse e notamos que um forte protesto fora mandado à China, com ameaças ao rompimento das relações diplomáticas entre o Brasil e aquele país. Estava claro que o jato carregava provas suficientes de sua origem.

Ouvimos que a China iria suspender seus projetos no estrangeiro, por tempo indeterminado, e concluímos que a área do Amazonas também era um destes projetos.

O que eles imaginaram a respeito da perda da Baleia Verde e de seus agentes creio que nunca saberemos.

Tive a esperada oportunidade de fazer uma conferência com estudo das Escrituras e, assim, durante alguns dias, estudamos as grandes verdades da Palavra de Deus com o povo e todos fomos abençoados ao descobrirmos que a Palavra de Deus é para o dia de hoje.

Foi um grande encorajamento para aquele povo ver o que a Bíblia promete – uma época em que não haverá mais guerra, sofrimento e pecado, por intermédio do Senhor Jesus Cristo. Eu acredito que os problemas pelos quais tínhamos passado naqueles dias tinham aumentado nosso anseio por aquela época. No final daquela série de reuniões eram poucos os que não tinham crido em Cristo e confiado nEle como Salvador, num ato voluntário. Eu estava bastante satisfeito, pois aquela viagem para a cidade perdida não tinha sido inútil.

Eu tinha apenas mais dois dias antes de ter que voltar para São Paulo e para a escola. Bete e eu passávamos bastante tempo juntos.

Encontramo-nos certa noite no restaurante à beira do lago. A luz brilhava serenamente, enquanto comíamos e conversávamos sobre vários assuntos. Mas a incerteza do futuro pesava sobre nossos ombros.

Bete tocou minha mão. “Estêvão, tenho um grande problema”.

Ouvi-a atentamente, encorajando-a a falar.

“Você se lembra o que eu lhe disse antes a respeito de meu pai? Agora eu mudei de ideia. Eu fiz a minha escolha naquele dia... naquele dia terrível... quando...” e ela não pôde falar mais.

Eu fiquei engasgado a lembrar-me daquela ocasião maravilhosa e, ao mesmo tempo terrível, e do sacrifício de Rondon.

“Eu quero estar com você, Estêvão, para compartilhar sua vida. Mas agora não sei como falar com meu pai. Ele vai sentir tanto se eu sair daqui e eu, simplesmente, não tenho coragem de pedir para ele. O que faço, Estêvão?”

Nem tive tempo de pensar numa resposta, pois imediatamente vi Cruz entrando no restaurante e vindo em nossa direção. A maioria das pessoas tinham ido para casa e havia poucos na varanda conosco. Cruz pegou uma cadeira e assentou-se à mesa.

Imediatamente, um garçon veio atendê-lo.

“Somente uma xícara de café hoje, Carlos. Tenho um assunto sério para conversar”. Ele se voltou para nós. “Bete, estive conversando com sua mãe e resolvemos o que você precisar fazer”.

Então eu disse: “Senhor Cruz, quero pedir-lhe sua permissão oficialmente para que Bete seja minha esposa”.

Cruz sorriu e virou-se para sua filha. “É isto que você quer, Bete?”

“Ah, sim, papai”, ela respondeu. “Mas... eu....”

Cruz deu uma gargalhada. “Eu a conheço, Bete. Você está preocupada conosco aqui, não é? Não podemos esperar que Estêvão, que foi chamado para pregar o Evangelho, esteja sempre aqui conosco. Mas, ao mesmo tempo, não podemos exigir que você fique aqui também. Queremos que vá aonde Estêvão for, com nossa bênção. E agora, quero dizer-lhe que seria bom você voltar a São Paulo e frequentar uma Escola Bíblica lá”.

Bete levantou-se rapidamente e abraçou seu pai. “Oh, obrigada, papai. Era isto exatamente o que eu queria”. Ela parou e, em seguida, disse: “Mas e o casamento?”

“Cuidaremos disto quando chegar a hora, Bete. Se o casamento for lá, sua mãe e eu iremos e, se for aqui, é claro que não haverá dificuldade”.

“Como posso agradecer-lhe, senhor Cruz?”, disse eu.

“Não há necessidade alguma, meu filho”, disse ele, sorrindo. “Deus trouxe você até nós e nós vamos retribuir. Você sabe que isto é o que eu sempre quis. Eu sonho com a ideia de que você possa sentir em seu coração a direção de Deus para voltar aqui e sinto que você estará bastante conosco. Mas vamos aguardar a vontade de Deus. A mãe de Bete acompanhará vocês, pois ela sempre quis ir a São Paulo. Martins irá também para comprar equipamento. Espero que tenham uma viagem agradável”

“Parece ótimo”, eu disse. “Meus pais e amigos receberão Bete com muita alegria”.

“Tenho certeza que sim! Nossas orações e pensamentos estarão com vocês”.

Os barcos que nos esperavam boiavam sobre as águas do lago, enquanto que toda a população de Esperança aguardava silenciosamente em um grande círculo às margens do lago. Bandeirolas balançavam ao vento. Bete e eu estávamos de pé diante dos pilares de estilo grego, o lado do túmulo de Jaime Rondon.

Enquanto Bete colocava um grande buquê de orquídeas no túmulo, eu pensava no grande sacrifício que este homem fizera. Possivelmente Rondon não seria conhecido mundialmente, mas é possível que, por causa de sua coragem tenha salvo o Brasil. E eu sabia que um dia me encontraria com ele.

Bete deu um passo para trás e a guarda de honra fez continência, colocou-se em posição de atirar e, em seguida, 21 tiros ecoaram pelos ares. Enquanto a fumaça se desvanecia, duas garotas chegaram até nós e colocaram colares de orquídeas em nossos pescoços e a banda tocou uma música de despedida ao entrarmos no barco.

Os motores possantes começaram a nos afastar da margem e eu procurei Cruz. Finalmente o vi; ele estava sozinho lá em cima do barranco, o homem mais incrível que eu tivera o prazer de conhecer.

“Adeus, meus filhos”. Sua voz ressoou pelas águas calmas.

Acenamos, acenamos, até que a distância ofuscou a imagem do homem alto e solitário e, finalmente, a apagou completamente.

.oOo.